



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

DESAFIOS DA FORMAÇÃO

PROPOSIÇÕES CURRICULARES

ENSINO FUNDAMENTAL

GEOGRAFIA

REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

BELO HORIZONTE

FICHA TÉCNICA

PREFEITO DE BELO HORIZONTE

MARCIO ARAUJO DE LACERDA

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

AFONSO CELSO RENAN BARBOSA

GERÊNCIA DE COORDENAÇÃO DA POLÍTICA PEDAGÓGICA E DE FORMAÇÃO

DAGMÁ BRANDÃO SILVA

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E INCLUSÃO

ADRIANA MOTA IVO MARTINS

REVISÃO

ELIZETE MUNHOZ RIBEIRO

IMPRESSÃO

RONA

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Rua Carangola, 288/7º Andar – Bairro Santo Antônio

Belo Horizonte/Minas Gerais – Brasil

e-mail: smed@pbh.gov.br

As Proposições Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH) foram elaboradas de forma coletiva, entre os anos de 2007 e 2008, com a participação dos professores da RME-BH, de assessores e consultores. Em 2010, foi realizada a primeira publicação impressa. Em 2012, diante da demanda de nova tiragem para atender aos novos profissionais que ingressaram na RME-BH, foi feita a reimpressão, em que se adotaram as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

É permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer outro fim comercial.

1ª edição: 2010
Reimpressão: 2012

SUMÁRIO

Proposição Curricular para o Ensino Fundamental da RME-BH de Geografia – 1º Ciclo... 5
Proposição Curricular para o Ensino Fundamental da RME-BH de Geografia – 2º Ciclo ... 11
Proposição Curricular para o Ensino Fundamental da RME-BH de Geografia – 3º Ciclo 20
Organização dos conhecimentos na Proposição Curricular de Geografia 28

PROPOSIÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DA RME-BH DE GEOGRAFIA – 1º CICLO

ABRINDO O DIÁLOGO

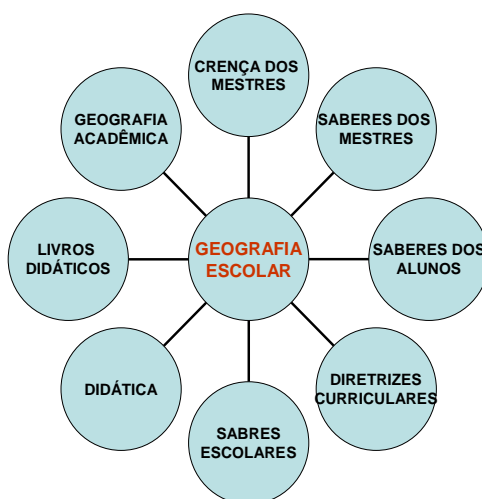
“O tempo é a minha matéria. O tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

Carlos Drummond de Andrade

Este documento é um convite aos professores e educadores do 1º ciclo da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte para uma reflexão acerca das Proposições Curriculares norteadoras do ensino da Geografia Escolar.

Por que Geografia Escolar?

Embora se alimentem na fonte da Geografia Acadêmica, os conhecimentos geográficos trabalhados na escola têm estruturação e identidade próprias, daí a pertinência em nomeá-los por Geografia Escolar. Embora ambas pertençam a um mesmo campo do conhecimento, a Geografia Escolar distingue-se da Geografia Acadêmica por se tratar de um corpo de conhecimentos produzidos a partir de referências, tais como: as práticas escolares; os saberes pedagógicos; a crença dos professores; a didática; os saberes dos alunos; as diretrizes curriculares; os livros didáticos; e a Geografia Acadêmica, fonte alimentadora da Geografia Escolar.



A Geografia Escolar no 1º ciclo deve cumprir duas funções articuladas na educação de crianças e pré-adolescentes. A primeira função relaciona-se à natureza do conhecimento geográfico – as relações entre a sociedade e a natureza – com vistas ao desenvolvimento das primeiras noções de espaço geográfico. A segunda função, que é pedagógica, tem sido proposta desde o século XVII por Comenius – o criador da Didática Moderna – até os filósofos socioconstrutivistas

contemporâneos, qual seja a de que os ensinamentos escolares devem acontecer na interação do educando com o meio social e natural onde ele vive, no seu espaço de vivência.

Na tradição pedagógica, a realidade de um lugar é observada e descrita para ser memorizada e depois reproduzida nas provas. Nessa perspectiva, o estudo da realidade se apresenta sob a forma dos círculos concêntricos: casa – rua – bairro – cidade – estado – país – continente – mundo. Esse modo de pensar as escalas geográficas de forma estanque e compartimentada, que ainda persiste em práticas educativas escolares, precisa ser superado. Por quê?

A partir dos anos 1960 do século XX, com as grandes mudanças decorrentes da Revolução Técnico-científica, o mundo mudou. O espaço geográfico transformou-se em um meio técnico-científico e informacional, virtualmente informatizado. As telecomunicações e satélites operam em tempo real, aproximam culturalmente os povos, encolhem distâncias e flexibilizam fronteiras ao desterritorializar moedas, produtos, trabalho, instituições financeiras. Nesses novos tempos de globalização, o espaço deixou de ser compreensível somente em escalas lineares e independentes, como se apresentava na tradição pedagógica. Nessa nova visão, o local está contido no global, ou seja, a pessoa vive num lugar, mas está ligado com a totalidade-mundo.

Quanta possibilidade existe de tornar a Geografia Escolar um centro de interesse cada vez maior para o educando, ao despertar nele o gosto de conhecer o mundo em que vive! Esse conhecer, que implica compreender, envolve estudos da relação entre sociedade e natureza,

“[...] das paisagens naturais enquanto encadeamento de elementos (clima, relevo, solos, águas, vegetação e biodiversidade), que possuem as suas dinâmicas próprias e independentes do social. E também passa, principalmente nos dias de hoje, pelo estudo da questão ambiental, que não pode prescindir da dinâmica da natureza (e suas alterações/reações frente à ação humana), e que é fundamental para se perscrutar os rumos da humanidade e de cada sociedade nacional neste novo século.” (J.W.Vesentini)

Esse interesse do educando pode ser ampliado se relacionamos Cultura e Natureza. E não apenas na ótica de seu uso pela sociedade, sobretudo, nas muitas formas de manifestar pertencimento, encantamento e emoção, a ponto de entender o que diz o poeta Drummond: “Sou um homem dissolvido na natureza. Estou florescendo em todos os ipês”.

No entanto, essas concepções exigem que você, professor, fomente a construção de novos conhecimentos, mentalidade, comportamento e práticas educativas comprometidas com esse objetivo. É previsto que, nessa empreitada, você se depare com desafios:

- Como posso superar a tradição da abordagem geográfica em círculos concêntricos, passando a entender o espaço geográfico na totalidade-mundo?
- Que práticas pedagógicas seriam mais adequadas para que o educando perceba e compreenda que o seu espaço de vivência é um lugar onde se encontram lógicas locais e globais, próximas e distantes?

- Como as novas linguagens e tecnologias podem contribuir para a construção dos cotidianos educativos na Geografia Escolar?
- Que práticas formadoras seriam propícias num momento em que ganham visibilidade novos estilos de vida e as sementes para uma cidadania planetária com sociedades sustentáveis?

Enfim, vivemos num mundo em crise social, econômica, ecológica e cultural, e para ele formamos o educando. Um novo mundo fundado em novas relações entre os homens e desses com a natureza não só é necessário, mas urgente. Por que não começar a imaginá-lo e a construí-lo desde já?

POR QUE É IMPORTANTE ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NO 1º CICLO?

“Estrangeiro eu não vou ser. Cidadão do mundo eu sou.”

Milton Nascimento

Na atualidade, há um consenso entre os pesquisadores da Geografia Escolar, no Brasil e em outros países, de que o desenvolvimento do raciocínio geográfico para saber pensar o espaço em um mundo globalizado pela técnica deve ser prioridade desde o início da escolarização da criança.

Justificada a razão do ensino de Geografia no 1º ciclo, duas questões são colocadas para a reflexão do professor-educador:

1. Por que a mediação do professor-educador ganha tanta importância nos processos das aprendizagens infantis?

Nas décadas recentes, o conhecimento acumulado sobre o processo biológico e sobre os aspectos culturais do desenvolvimento humano ampliou a própria noção de desenvolvimento, incluindo nela as relações entre os seres humanos e o meio. É por meio dessas relações que a pessoa se desenvolve em nível individual e registra no corpo e no cérebro as marcas dessas aprendizagens bioculturais. As possibilidades reais de aprendizagem e desenvolvimento da criança são, de fato, maiores do que sempre se acreditou. Por isso, a ação mediadora dos adultos e, principalmente, o contexto em que o educando vive, são fatores fundamentais no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A ação educativa do professor-educador depende da qualidade do que, como mediador, pode oferecer para o enriquecimento das aulas a partir de seu próprio conhecimento e de sua formação humana. Enfim, nas novas relações com o ato de aprender Geografia, sob a mediação sensível e competente do professor-educador, o educando estará desenvolvendo um modo de pensar geográfico ao iniciar um conhecimento sistemático sobre as diferentes formas de produção humana e de organização espacial.

2. O que deve ser considerado como referência conceitual, de capacidades/habilidades e de atitudes/valores para o desenvolvimento do raciocínio geográfico com crianças na faixa de 6 a 8 anos de idade?

Na organização geral desse currículo, você, professor-educador, visualizará muitas oportunidades para trabalhar com o educando. Primeiro, conhecendo/inventariando o que ele sabe, isto é, a bagagem cultural que ele traz, o que ele aprende fora da experiência da escola. Depois, ajudando-o a problematizar e a investigar para compreender que a sociedade, em diferentes lugares do planeta, em diferentes momentos da história humana, em diferentes culturas, age, vive, estuda, trabalha, produz a sua existência e o *espaço geográfico*.

A partir dessa reflexão, aceite o desafio de desenvolver as potencialidades do educando para que ele aprenda a ler a paisagem, o mapa, o livro e a escrever nas linguagens da Geografia. Crie situações pedagógicas que possibilitem a construção de noções e conceitos. Exercite as habilidades próprias do raciocínio geográfico. Aprenda a questionar valores e hábitos culturais que têm produzido problemas ambientais, injustiça social, discriminação, segregação para tantos segmentos populacionais e variados níveis de qualidade de vida em diferentes lugares no planeta Terra.

Como mediador das aprendizagens escolares, reflita sobre a renovação de seu papel. Entendemos, como Gutierrez (2000), que o professor-educador deve ser quem promove aprendizagens, ou seja, “facilita, acompanha, possibilita, recupera, dá lugar, compartilha, inquieta, problematiza, relaciona, reconhece envolve, comunica, expressa, compromete, entusiasma, apaixonada, ama.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Relações Espaciais e as Linguagens Geográficas

- ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*. São Paulo: Contexto, 2001.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza. *O espaço geográfico ensino e representação*. São Paulo: Contexto, 1994.
- IBGE. ATLAS GEOGRÁFICO, 2002.
- MARTINELLI, Marcello. *Mapas da Geografia e cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PAGANELLI Tomoko Iyda et al. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- PETTY, Kate; WOOD, Jakki. *Viajando em um balão: mapas e caminhos*. São Paulo: Editora Callis, [s/d].
- PETTY, Kate. WOOD, Jakki. *Nosso globo, nosso mundo*. São Paulo: Editora Callis, [s/d].
- SIMIELLI, Maria Elena. *Primeiros mapas: como entender e construir*. São Paulo: Ática, 1996.
- SCHÄFFER, Neiva Otero et al. *Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Geografia Escolar

- CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al (Orgs.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

Interfaces

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- GUTIERREZ, Francisco; PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.
- HELENE, M. Elisa M.; BICUDO, Marcelo B. *Sociedades sustentáveis*. São Paulo: Scipione, 1994.
- MISSÃO TERRA. *O resgate do planeta*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1994.
- PACHAMAMA; MISSÃO TERRA. *Ações para salvar o planeta*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

PIETROCOLLA, Luci Gati. *Sociedade de consumo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Artigos eletrônicos

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Ler o espaço para compreender o mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. Disponível em: <http://br.geocities.com/revistatamoios/tam_resum_0501.html#item2>. Acesso em: 17 set. 2007.

Resumo - Pensar o ensino de Geografia nas séries iniciais a partir de sua função alfabetizadora é procurar resgatar o seu próprio objeto – o espaço –, inserindo-o em uma perspectiva teórica que articula a leitura da palavra à leitura do mundo. Tal abordagem nos possibilita pensar alfabetização e Geografia, através de uma articulação teórica que, sem cair na tentação do alibi do conteúdo ou na armadilha do método, aponte para uma construção epistemológica.

www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT13/gt131241int.pdf – Outro artigo de autoria de Carmen Lúcia Vidal Pérez, intitulado “Leituras cotidianas e espaços praticados: imagens do conhecimento do mundo. Uma reflexão teórico-metodológica sobre a função alfabetizadora da geografia nos anos iniciais da educação fundamental.”

Resumo – Tomando a experiência de crianças das classes populares como eixo articulador de minhas análises sobre as lógicas operatórias presentes em suas relações cotidianas com o espaço e, apoiada em Michel de Certeau (1998), para quem todo “relato é uma prática de espaço”, procuro, a partir dos relatos das crianças, realizar uma análise descritiva de suas práticas espaciais, inserindo o estudo do espaço geográfico numa perspectiva teórica que articula a “leitura da palavra à leitura do mundo”.

Revistas

Ecologia Integral. Por uma cultura de paz e pela ecologia integral. Centro de Ecologia Integral. Belo Horizonte-MG. Site: www.ecologiaintegral.org.br

Nova Escola. São Paulo: Editora Abril. Site: www.revistaescola.abril.com.br/

Revista do Professor. <http://www.revistadoprofessor.com.br/>

PROPOSIÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DA RME-BH DE GEOGRAFIA – 2º CICLO

ABRINDO O DIÁLOGO

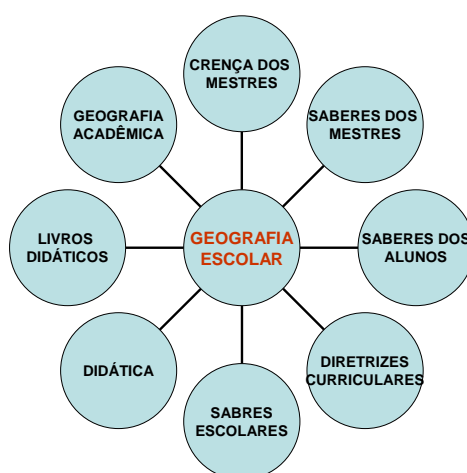
“O tempo é a minha matéria. O tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”

Carlos Drummond de Andrade

Este documento é um convite aos professores-educadores do 2º ciclo da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte para uma reflexão acerca das Proposições Curriculares norteadoras do ensino da Geografia Escolar.

Por que Geografia Escolar?

Embora se alimentem na fonte da Geografia Acadêmica, os conhecimentos geográficos trabalhados na escola têm estruturação e identidade próprias, daí a pertinência em nomeá-los de Geografia Escolar. Embora ambas pertençam a um mesmo campo do conhecimento, a Geografia Escolar distingue-se da Geografia Acadêmica por se tratar de um corpo de conhecimentos produzidos a partir de referências, tais como: as práticas escolares; os saberes pedagógicos; a crença dos professores; a didática; os saberes dos educandos; as diretrizes curriculares; os livros didáticos; e a Geografia Acadêmica, fonte alimentadora da Geografia Escolar.



A Geografia Escolar no 2º ciclo deve cumprir duas funções articuladas na educação de crianças e pré-adolescentes. A primeira função relaciona-se à natureza do conhecimento geográfico – as relações entre a sociedade e a natureza – com vistas ao desenvolvimento das primeiras noções de espaço geográfico. A segunda função, que é pedagógica, tem sido proposta desde o século XVII por Comenius – o criador da Didática Moderna – até os filósofos socioconstrutivistas contemporâneos, qual seja a de que os ensinamentos escolares devem acontecer na interação do educando com o meio social e natural onde ele vive, no seu espaço de vivência.

Na tradição pedagógica, a realidade de um lugar é observada e descrita para ser memorizada e depois reproduzida nas provas. Nessa perspectiva, o estudo da realidade se apresenta sob a forma dos círculos concêntricos: casa – rua – bairro – cidade – estado – país – continente – mundo. Esse modo de pensar as escalas geográficas de forma estanque e compartimentada, que ainda persiste em práticas educativas escolares, precisa ser superado. Por quê?

A partir dos anos 1960 do século XX, com as grandes mudanças decorrentes da Revolução Técnico-científica, o mundo mudou. O espaço geográfico transformou-se em um meio técnico-científico e informacional, virtualmente informatizado. As telecomunicações e satélites operam em tempo real, aproximam culturalmente os povos, encolhem distâncias e flexibilizam fronteiras ao desterritorializar moedas, produtos, trabalho, instituições financeiras. Nesses novos tempos de globalização, o espaço deixou de ser compreensível somente em escalas lineares e independentes, como se apresentava na tradição pedagógica. Nessa nova visão, o local está contido no global, ou seja, a pessoa vive num lugar, mas está ligado com a totalidade-mundo.

Quanta possibilidade existe de tornar a Geografia Escolar um centro de interesse cada vez maior para o educando, ao despertar nele o gosto de conhecer o mundo em que vive! Esse conhecer, que implica compreender, envolve estudos da relação entre sociedade e natureza,

“[...] das paisagens naturais enquanto encadeamento de elementos (clima, relevo, solos, águas, vegetação e biodiversidade), que possuem as suas dinâmicas próprias e independentes do social. E também passa, principalmente nos dias de hoje, pelo estudo da questão ambiental, que não pode prescindir da dinâmica da natureza (e suas alterações/reações frente à ação humana), e que é fundamental para se perscrutar os rumos da humanidade e de cada sociedade nacional neste novo século.”
(J.W.Vesentini)

Esse interesse do educando pode ser ampliado se relacionamos Cultura e Natureza. E não apenas na ótica de seu uso pela sociedade, sobretudo, nas muitas formas de manifestar pertencimento, encantamento e emoção, a ponto de entender o que diz o poeta Drummond: “Sou um homem dissolvido na natureza. Estou florescendo em todos os ipês”.

No entanto, essas concepções exigem que você, professor, fomente a construção de novos

conhecimentos, mentalidade, comportamento e práticas educativas comprometidas com esse objetivo. É previsto que, nessa empreitada, você se depare com desafios:

- Como posso superar a tradição da abordagem geográfica em círculos concêntricos, passando a entender o espaço geográfico na totalidade-mundo?
- Que práticas pedagógicas seriam mais adequadas para que o educando perceba e compreenda que o seu espaço de vivência é um lugar onde se encontram lógicas locais e globais, próximas e distantes?
- Como as novas linguagens e tecnologias podem contribuir para a construção dos cotidianos educativos na Geografia Escolar?
- Que práticas formadoras seriam propícias num momento em que ganham visibilidade novos estilos de vida e as sementes para uma cidadania planetária com sociedades sustentáveis?

Enfim, vivemos num mundo em crise social, econômica, ecológica e cultural, e para ele formamos o educando. Um novo mundo fundado em novas relações entre os homens e desses com a natureza não só é necessário, mas urgente. Por que não começar a imaginá-lo e a construí-lo desde já?

POR QUE É IMPORTANTE ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NO 2º CICLO?

“Estrangeiro eu não vou ser. Cidadão do mundo eu sou.”

Milton Nascimento

Na atualidade, há um consenso entre os pesquisadores da Geografia Escolar no Brasil, e em outros países, de que o desenvolvimento do raciocínio geográfico para saber pensar o espaço em um mundo globalizado pela técnica deve ser prioridade desde o início da escolarização da criança. Se essa é uma razão que justifica o ensino de Geografia no 2º ciclo, a questão que colocamos para reflexão do professor-educador é a seguinte:

O que deve ser considerado como referência conceitual, de capacidades e de atitudes/valores, para o desenvolvimento do raciocínio geográfico com crianças na faixa de 9 a 11 anos de idade?

Propomos como argumentação que esse conhecimento seja organizado em três eixos articulados entre si e mediado por um quarto eixo, conforme exposto a seguir.

O *primeiro eixo* trata da construção de noções estruturantes do raciocínio geográfico: lugar,

paisagem, espaço, espacialidade, território, territorialidade, região, relação sociedade e natureza. São elas que dão sustentação à construção do conceito de espaço geográfico.

O *segundo eixo* trata do desenvolvimento de habilidades específicas da linguagem cartográfica, que inclui, nessa faixa etária, a ampliação e o aprofundamento das relações topológicas e projetivas e as noções básicas para o desenvolvimento das relações espaciais euclidianas, que envolvem perspectiva e coordenadas.

O *terceiro eixo* contém a dimensão formadora de educar-se para a cidadania planetária e se articula com o desenvolvimento de capacidades relacionadas a:

“informar-se, comunicar-se, expressar-se; sentir, intuir, vibrar emocionalmente; imaginar, inventar, criar e recriar; relacionar e interconectar-se, organizar-se; localizar, processar e utilizar informações disponíveis; buscar causas e prever consequências, avaliar, sistematizar e tomar decisões; observar a presença de agressões ao meio ambiente, criar hábitos alimentares novos, observar o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar, e intervir no sentido de reeducar o habitante do planeta.”
(Gadotti, 2002, p.187 e 188)

O *quarto eixo* trata de atividades que serão usadas como instrumentos dos três eixos anteriores, sob a mediação do professor-educador. Quais são essas atividades? Deslocamentos espaciais em trilhas e trabalhos de campo; representações de vivências em mapas mentais; elaboração de croquis e maquetes; leitura de imagens e paisagens; e a pesquisa, com seu devido tratamento da informação, como suporte das aprendizagens escolares.

Justificada a razão do ensino de Geografia no 2º ciclo, duas questões são colocadas para a reflexão do professor-educador:

Por que a mediação do professor-educador ganha tanta importância nos processos das aprendizagens infanto-juvenis?

Nas décadas recentes, o conhecimento acumulado sobre o processo biológico e sobre os aspectos culturais do desenvolvimento humano ampliou a própria noção de desenvolvimento, incluindo nela as relações entre os seres humanos e o meio. É por meio dessas relações que a pessoa se desenvolve em nível individual e registra no corpo e no cérebro as marcas dessas aprendizagens bioculturais. As possibilidades reais de aprendizagem e desenvolvimento da criança são, de fato, maiores do que sempre se acreditou. Por isso, a ação mediadora dos adultos e, principalmente, o contexto em que o educando vive são fatores fundamentais no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. A ação educativa do professor-educador depende da qualidade do que, como mediador, pode oferecer para o enriquecimento das aulas a partir de seu próprio conhecimento e de sua formação humana. Enfim, nas novas relações com o ato de aprender Geografia, sob a mediação sensível e competente do professor-

educador, o educando estará desenvolvendo um modo de pensar geográfico ao iniciar um conhecimento sistemático sobre as diferentes formas de produção humana e de organização espacial.

O que deve ser considerado como referência conceitual, de capacidades/habilidades e de atitudes/valores para o desenvolvimento do raciocínio geográfico com crianças e pré-adolescentes na faixa de 9 a 11/12 anos de idade?

Na organização geral destas Proposições Curriculares, você, professor-educador, visualizará muitas oportunidades para trabalhar com o educando. Primeiro, conhecendo e inventariando o que ele sabe, isto é, a bagagem cultural da qual ele é portador, o que ele aprende fora da experiência da escola. Depois, ajudando-o a problematizar e a investigar para compreender que a sociedade, em diferentes lugares do planeta, em diferentes momentos da história humana, em diferentes culturas, age, vive, estuda, trabalha, produz a sua existência e o espaço geográfico.

A partir dessa reflexão, aceite o desafio de desenvolver as potencialidades do educando para que ele aprenda a ler a paisagem, o mapa, o livro e a escrever nas linguagens da Geografia. Crie situações pedagógicas que possibilitem a construção de noções e conceitos. Exercite as habilidades próprias do raciocínio geográfico. Aprenda a questionar valores e hábitos culturais que têm produzido problemas ambientais, injustiça social, discriminação, segregação para tantos segmentos populacionais, e variados níveis de qualidade de vida em diferentes lugares no planeta Terra.

Como mediador das aprendizagens escolares, reflita sobre a renovação de seu papel. Entendemos, como Gutierrez (2002), que o professor-educador deve ser quem promove aprendizagens, ou seja, “facilita, acompanha, possibilita, recupera, dá lugar, compartilha, inquieta, problematiza, relaciona, reconhece, envolve, comunica, expressa, compromete, entusiasmo, apaixonada, ama.”

A PLURALIDADE DE ABORDAGENS DA GEOGRAFIA ESCOLAR

“A riqueza do pensamento geográfico reside na sua própria pluralidade de enfoques.”

Francisco Mendonça

A Geografia Acadêmica, na atualidade, tem como referência uma multiplicidade teórica de linhas de pesquisa que desaguam nas abordagens: Cultural, Socioambiental e Crítica.

A abordagem Cultural na Geografia orienta-se pelo resgate de tradições, valores, atitudes, diversidade e presenças culturalmente diferenciadas que fazem parte do contexto local e regional. Há, portanto, que valorizar e compartilhar as opiniões, as crenças, os costumes e os valores manifestados nesse contexto, no sentido de formar pessoas letradas, mais solidárias, compreensivas, humanas e cooperativas.

Nesse cenário, é importante trabalhar com crianças e pré-adolescentes noções e conceitos que, sob a ótica da Geografia, explicam as permanências significativas de crenças religiosas, heranças familiares, costumes e hábitos tradicionais relacionados à alimentação, ao vestuário, à moradia, ao trabalho, ao gênero, às territorialidades relacionadas a línguas, às nacionalidades, aos regionalismos e à dinâmica da sociedade na era da informação e comunicação digitalizadas.

A abordagem cultural também possibilita explorar as representações e imaginários das populações urbanizadas e rurais, em suas relações com a natureza, o espaço e a técnica. Para tanto, é preciso inventariar as formas e os traços ameaçados da cultura, tais como: as tradições étnicas; os diversos gêneros de vida adaptados em ambientes específicos; as formas de cultura popular; a complexidade e a diversidade linguística; os patrimônios simbólicos das áreas urbanizadas; os hábitos e as preferências que mudam com o tempo; as atitudes em relação ao corpo e ao uso dos sentidos e a difusão dos meios de comunicação; enfim, as mudanças nos padrões de produção, de consumo e nas formas de sociabilidade. Essas mudanças representam o movimento histórico da transformação da sociedade num espaço geográfico que, sob a égide do mercado capitalista, gera contradições e conflitos que demarcam as territorialidades das relações sociais, políticas e culturais desiguais, nos cotidianos do planeta.

Observa-se nas Ciências Sociais uma abertura no sentido de envolver a dinâmica da natureza como integrante da complexidade social, desembocando na compreensão socioambiental da realidade. Por isso, torna-se necessário incorporar a abordagem socioambiental nos estudos geográficos escolares, desde a escala local até a planetária. Por que “socioambiental”?

É o geógrafo professor Francisco Mendonça, da Universidade Federal do Paraná, quem explica:

“ O termo sócio parece, então, atrelado ao termo ambiental, para enfatizar o necessário envolvimento da sociedade, enquanto sujeito, elemento, parte fundamental dos processos relativos à problemática ambiental contemporânea.” (Mendonça, 2004, p.126)

A abordagem socioambiental tem por base a Cultura e a Ética. Essa abordagem possibilita a construção de novas práticas sociais pautadas em relações respeitadas dos homens entre si e deles com a natureza. Ela lança as bases para outra sociabilidade, fundada na cooperação, na solidariedade e na paz como possibilidade de viver o presente e visualizar o futuro pautado em padrões de produção e de consumo mais sustentáveis. Um presente e um futuro que tenham como parâmetros valores, atitudes e princípios fraternos e justos, nas relações para consigo, com o outro e com o planeta Terra. Lançar a semente de novos estilos de vida e de uma cidadania planetária é urgente e necessário. A Geografia Escolar deve caminhar no compasso das discussões que se realizam na atualidade e que apontam nessa direção, como: o Protocolo de Kyoto, o Fórum Econômico Mundial, o Fórum Social Mundial, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas.

A abordagem Crítica deixa à mostra as relações sociais de produção permitindo a compreensão das mediações – trabalho, cultura, política, mercado - que permeiam as relações entre a Sociedade e a Natureza, na perspectiva da construção do espaço geográfico. Como afirma o professor José William Vesentini,

“Um ensino crítico da Geografia [...] não se limita a uma renovação do conteúdo – com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais: relações de gênero, ênfase na participação do cidadão/morador e não no planejamento, compreensão das desigualdades e das exclusões, dos direitos sociais (inclusive os do consumidor), da questão ambiental e das lutas ecológicas, etc. Ela também – e principalmente – implica valorizar determinadas *atitudes* – combate aos preconceitos; ênfase na ética, no respeito aos direitos alheios e às diferenças; sociabilidade e inteligência emocional... – e *habilidades* (raciocínio, aplicação/elaboração de conceitos, capacidade de observação e de crítica, etc.)”

Em síntese, é muito importante ensinar e aprender a conhecer a dimensão geográfica dos fenômenos da realidade socioespacial, sociocultural e socioambiental. Isso é possível por meio das noções de território, lugar, paisagem e região, pois são essas noções que dão sustentação à construção do conceito de espaço geográfico, que nada mais é que produto da realização da vida humana.

Do ponto de vista metodológico, as vivências cotidianas da criança se constituem nas referências mais importantes como ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem dessas noções, que dão identidade ao conhecimento geográfico ao mesmo tempo em que situa o educando como ser planetário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Relações espaciais e Linguagens geográficas

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. *Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola*. São Paulo, Contexto, 2001.

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza. *O espaço geográfico: ensino e representação*. São Paulo: Contexto, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Atlas geográfico escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Meu primeiro atlas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

PAGANELLI, Tomoko Iyda *et al.* *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHÄFFER, Neiva Otero *et al.* *Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Geografia

MENDONÇA, Francisco. Geografia Socioambiental. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Saete (Orgs.). *Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

AB' SABER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Geografia escolar

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al* (Orgs). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

Paradidáticos

BUSCH, Ana; VILELA, Caio. *Um mundo de crianças*. São Paulo: Ed. Panda Books, 2007.

CAMARGO, Pablo Matos; GONTIJO, Bete. *Zezé e os tambores*. Belo Horizonte: CEDEFES, [s/d].

CALVI, Gian. *Um mundo para todos*. 16. ed. São Paulo: Global, 2005.

DIMENSTEIN, Gilberto; PRIETO, Heloisa. *Mano descobre a ecologia*. São Paulo: Senac e Ática, 2002.

DOW, Kirstin; DOWNING, Thomas E. *O atlas da mudança climática*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Vamos compreender o Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O que está acontecendo com a nossa Terra?* Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Conhecendo o Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

JAF, Ivan; PALMA, Daniela. *O preço do consumo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2010.

GARCIA, Edson Gabriel. *No mundo do consumo: a administração das necessidades e dos desejos*. São Paulo: FTD, 2003.

MACHADO, Nilson J.; CASADEI, Silmara Rascalha. *Seis razões para diminuir o lixo no mundo*. São Paulo: Escritura, 2007.

MACHADO, Nilson J.; CASADEI, Silmara Rascalha. *Seis razões para cuidar bem do planeta Terra*. São Paulo: Escritura, 2008.

MISSÃO TERRA. *O resgate do planeta*. 2. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

PACHAMAMA; MISSÃO TERRA. *Ações para salvar o planeta*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

PETTY, Kate; WOOD, Jakki. *Viajando em um balão: mapas e caminhos*. São Paulo: Callis, 1994.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. *Azul e lindo: planeta Terra, a nossa casa*. 23. ed. São Paulo: Salamandra, 2005.

RODRIGUES, Rosicler Martins. *Viagem na Terra: conhecer para proteger*. 20. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

STTELE, Philip. *Povos do mundo*. Barueri: Impala, 2006.

WEST, David; PARKER, Steve. *53 1/2 coisas que mudaram o mundo e outras que nem tanto*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

Interfaces

BRASIL. ALMANAQUE SOCIOAMBIENTAL. *Uma nova perspectiva para entender a situação do Brasil e a nossa contribuição para a crise planetária*. São Paulo: Instituto Socioambiental.

CEDEFES. Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no Séc. XXI*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIERREZ, Francisco; Prado, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

HELENE, M. Elisa M.; BICUDO, Marcelo B. *Sociedades sustentáveis*. São Paulo: Scipione, 1994.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRIGUEIRO, André. *Mundo sustentável*. São Paulo, Global, 2008.

PROPOSIÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DA RME-BH DE GEOGRAFIA – 3º CICLO

ABRINDO O DIÁLOGO

Este documento é um convite aos professores-educadores do 3º ciclo da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte para um diálogo acerca das Proposições Curriculares norteadoras do ensino da **Geografia Escolar**.

Por que Geografia Escolar?

Embora se alimentem na fonte da **Geografia Acadêmica**, os conhecimentos geográficos trabalhados na escola têm estruturação e identidade próprias, daí a pertinência em nomeá-los **Geografia Escolar**. Ainda que ambas pertençam a um mesmo campo do conhecimento, a Geografia Escolar distingue-se da Acadêmica por se tratar de um corpo de conhecimentos produzidos a partir de referências, tais como: as práticas escolares, os saberes pedagógicos, a crença dos professores, a didática, os saberes dos alunos; as diretrizes curriculares; os livros didáticos; e a Geografia Acadêmica, fonte alimentadora da Geografia Escolar. Pesquisas têm indicado que o maior desafio vivenciado por professores-educadores está no saber fazer uma geografia cidadã, junto com o educando, em sala de aula. Uma Geografia Escolar que incorpore a espacialidade e a territorialidade das práticas sociais e de poder, as vivências cotidianas da turma, com vistas ao entendimento crítico de sua realidade, despertando-lhes tanto o compromisso de interferir nessa mesma realidade como a certeza de que tem a sua parte de responsabilidade no todo.

Este documento também contém um desafio para todos os professores-educadores, de qual seja: tornar a escola um espaço cultural, de produção do conhecimento e de pesquisa, como é uma das intenções educativas da Escola Plural.

Que caminhos se apresentam promissores para o enfrentamento desse desafio nos cotidianos educativos escolares de Belo Horizonte?

Com quais conhecimentos geográficos, capacidades, habilidades, recursos didáticos e sistema de avaliação os professores-educadores da Rede Municipal de Belo Horizonte podem contar em seu desafiante trabalho de formar o educando no sentido da crítica cultural?

Vivemos numa sociedade em mudança e para ela formamos o educando. Esse é um dos nossos compromissos. Entendemos que, com a participação dos educadores da Rede Municipal de Belo Horizonte na Rede de Formação do 3º ciclo em 2008, as Proposições

Curriculares expressam as vozes e as práticas dos educadores em Geografia da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Essa versão do final do ano de 2008 apresenta as releituras e sugestões dos professores participantes da Rede de Formação.

POR QUE É IMPORTANTE ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NO 3º CICLO?

“Uma sociedade só pode perdurar se tem um forte sentimento de si mesma. Há momentos em que esse sentimento se elabora fazendo a história, olhando o futuro, em suma, fazendo projetos. Há outros em que é o espaço que garantirá esse papel. O espaço vivido em comum, o espaço onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos, o espaço onde se inscreve a memória coletiva, o espaço, enfim, permitindo a identificação.” (MAFESOLLI, 1995, p. 279.)

O espaço, conforme a citação de Mafesolli (1995), é o **espaço geográfico**. Produzido nas relações entre a sociedade e a natureza com as mediações da cultura, do trabalho, da política, da economia e do avanço informacional, ele é o espaço vivido em comum por crianças, jovens, adultos e idosos, sem que se tenha claramente essa compreensão.

Diante da evidência de que o espaço geográfico é o objeto de conhecimento da Ciência Geográfica, qual deveria ser o sentido do ensino da Geografia Escolar na Educação Básica?

Por que é importante ensinar a aprender Geografia na escola?

A finalidade do ensino da Geografia Escolar poderia ser a compreensão de como as práticas sociais produzem o espaço geográfico nas relações entre sociedade e natureza?

Essas questões encaminham as reflexões que propomos a seguir:

Milton Santos foi propositor do estudo das relações entre sociedade e natureza para compreender a produção do espaço em suas inúmeras variáveis e múltiplas temporalidades. Esse importante geógrafo brasileiro, falecido em 2006, oferece subsídios para o questionamento da Geografia até então ensinada na escola. Deveria ser ela "o estudo da superfície terrestre", "o estudo da paisagem", "o estudo do meio", "o estudo da individualidade dos lugares", "o estudo da diferenciação de áreas", "o estudo do espaço", "o estudo do resultado das relações homem/meio"? Ou, no atual estágio da história da sociedade humana, seria necessário buscar um novo sentido para seu ensino?

Esse questionamento é muito importante à medida que é preciso demarcar o objeto da Geografia que queremos ensinar na formação básica. E qual seria ele senão a compreensão das estruturas e dos processos que produzem o espaço geográfico? Que outra finalidade teria o ensino básico da Geografia senão a de compreender como as práticas sociais e de poder produzem o espaço nas relações que se estabelecem entre sociedade e natureza?

Passemos, pois, a dialogar com essas possibilidades e esses desafios.

Como a sociedade humana tem historicidade e diferentes identidades bem localizadas no tempo e no espaço, as estruturas e os processos que produzem o espaço geográfico precisam ser compreendidos. Para isso, o ensino da Geografia Escolar deveria se ocupar do desvelamento de tais estruturas e processos, problematizando-os. Desse modo, ao compreender seu funcionamento, o educando pode pensar ações que se contraponham às contradições e às perversidades da globalização excludente, que caracterizam o atual estágio do sistema capitalista que conforma a vida no planeta Terra.

Milton Santos também nos ajuda a valorar o ensino da Geografia Escolar do ponto de vista social, principalmente no contexto em que o capital global e o estilo de vida da sociedade contemporânea tentam reduzir o papel do cidadão ao de mero consumidor. Exatamente por desconhecer todo um processo que envolve a produção do espaço geográfico, o consumidor vive imerso no movimento de ocupação de um território sem que sejam problematizadas suas formas de uso, sua depredação ou sua conservação. É nesse sentido que se torna relevante o ensino da Geografia Escolar, uma vez que ele pode possibilitar uma reflexão sociocultural, socioambiental e sociopolítica sobre o espaço produzido e a diferenciação entre cidadania e consumo.

Assim, chamamos Educação Geográfica ao ensino e às aprendizagens da Geografia Escolar por acreditar que ela tem uma dimensão formadora, que se delinea em dois eixos complementares.

O primeiro é o exercício da *crítica cultural*, pois ela possibilita a percepção de como a realidade socioespacial é produzida, para que foi produzida, a quem está servindo, como está servindo, se está servindo bem, isto é, se atende aos anseios da população ou, em caso negativo, como poderia ser diferente. Neste “como poderia ser diferente”, a ideia da crítica cultural ganha força ao mostrar que a estrutura e os processos de produção do espaço geográfico são construções sociais e, por isso mesmo, podem ser transformados.

O segundo eixo dessa dimensão formadora está na mediação da construção de posturas ecologizadas que expressem novas formas de ver, de viver e de interferir nos espaços do cotidiano e nas práticas sociais à medida que se exercita a cidadania.

A Geografia Escolar pensada como Educação Geográfica necessita da escolha de referenciais capazes de promover a compreensão do espaço geográfico como produção social e lugar em que a vida se realiza. Por isso mesmo, em suas paisagens estão impressas as “rugosidades” de suas múltiplas temporalidades.

Que conteúdo se faz necessário para a compreensão da complexidade da produção do espaço geográfico transformado na atualidade em meio técnico, científico e informacional?

O suporte teórico para as questões de natureza econômica e política é encontrado nas categorias explicativas das geografias críticas; nas questões subjetivas por meio da geografia cultural e nas consequências da degradação da natureza com a abordagem socioambiental. São todas elas abordagens da pesquisa geográfica que possibilitam a compreensão do espaço produzido do ponto de vista político, econômico, cultural e socioambiental.

Tudo isso representa o conteúdo do espaço geográfico que precisa ser compreendido em suas espacialidades e em suas territorialidades por meio do desenvolvimento de habilidades e da construção de noções e conceitos. Essa geografia cidadã concretiza-se na interação entre a interpretação geográfica da realidade socioespacial e as subjetividades de professores-educadores e educando, na construção das solidariedades que se configuram nos cotidianos.

Com essas reflexões emerge a importância do ensino da Geografia Escolar do ponto de vista cognitivo, pois o desenvolvimento de habilidades e a construção de noções e conceitos serão imprescindíveis, tanto na compreensão do papel do cidadão e do consumidor, como na formação de atitudes para que o educando saiba agir no espaço em que vive.

Em suma, a Geografia Escolar pode e deve mediar a compreensão da realidade socioespacial implícita e explícita no espaço geográfico. Deve possibilitar que o educando nela interfira como protagonista consciente.

Os instrumentos didáticos da Geografia Escolar revelam-se sob a forma de conhecimentos prévios construídos em suas práticas sociais, no domínio de noções, conceitos, atitudes e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constrói suas teorias e explicações. Desse modo, o educando compreenderá não apenas o funcionamento da natureza e as relações socioculturais às quais historicamente pertence, como também vai conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar a realidade socioespacial por meio do conhecimento geográfico.

Nesse contexto, a meta da Geografia Escolar não poderia ser outra senão a de fazer do conhecimento geográfico escolar uma mediação da compreensão crítica da cultura humana.

QUE CRITÉRIOS DEVEM NORTEAR A ESCOLHA DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS A SEREM ENSINADOS?

“Mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia.”

Michel de Montaigne

Uma boa seleção de conhecimentos deve levar em conta os critérios científico, tecnológico, cultural e pedagógico.

Critério científico – Desde o final do século XIX, quando a Geografia tornou-se uma disciplina escolar, os estudiosos da educação geográfica recomendam, insistentemente, que o ensino da Geografia Escolar se ocupe de apresentar “uma visão global e coerente do mundo, em que a dinâmica dos fenômenos naturais e as relações homem/natureza ou sociedade/território são articuladas à luz de uma perspectiva que nos é contemporânea.” (COSTA GOMES, 1996, p.10)

Nesse caso, deveria a Geografia Escolar possibilitar, como ponto de partida, o desenvolvimento de uma consciência da época em que vive a sociedade humana. Esse critério é reafirmado nos escritos de Milton Santos: “Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se pode formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro.” (SANTOS,1998, p.121.)

Considerada *ciência do presente*, a Geografia Acadêmica tem investigado as espacialidades e as territorialidades construídas por sociedades humanas no planeta em geral e, em particular, as grandes transformações no espaço geográfico mundial que tiveram início a partir dos anos 1980 do século XX. Num processo de transposição didática, o conhecimento gerado no meio acadêmico é uma das fontes que alimenta a Geografia Escolar na tarefa de mediação para as novas leituras e reescritas de realidades mutantes e cada vez mais complexas do mundo em que vivemos. Por essa razão, as tendências apontadas pela ciência pós-moderna é a pluralidade das abordagens dos fenômenos. A Geografia Escolar precisa, pois, incorporar essa nova postura. Como? Pela *abordagem crítica*, que se refere à compreensão e explicação do processo de produção do espaço geográfico sem se restringir às determinações econômicas. Por meio da *abordagem cultural* será incorporada a explicação perceptiva, subjetiva e contextualizada da diversidade cultural dos espaços geográficos que são identificadas na tradição, na etnia, na religião, na linguagem, nos costumes e nas crenças, no gênero e nos valores.

E, por fim, a costura da *abordagem socioambiental* que estará presente nas análises de

situações conflituosas em que as interações entre sociedade e natureza implicam a degradação de uma ou de ambas, ao mesmo tempo em que busca alternativas de solução para os problemas em questão.

O critério científico será mais enriquecido se transversalizado pela dimensão formadora propiciada pela educação ambiental e patrimonial, que oferecem suportes conceituais à construção de sociedades sustentáveis, além de se contrapor à tendência da globalização excludente e fragmentadora. É nossa responsabilidade, como professores-educadores e partícipes da produção de uma Geografia Escolar, fomentar a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento de novas mentalidades e comportamentos comprometidos com esse objetivo.

Critério tecnológico – Conjuga duas dimensões inseparáveis e em tensão: de um lado, a tecnociência e suas constantes inovações e mudanças no padrão de consumo no avanço das telecomunicações, dos transportes e dos serviços na reorganização das empresas e nas mudanças no mundo do trabalho. Em suma, são os novos signos que a modernização econômica impõe ao espaço geográfico. De outro lado, as intrincadas relações entre desenvolvimento econômico, equidade social e sustentabilidade ambiental informadas pela economia ecológica. Esta propõe a valoração econômica ambiental na gestão de recursos ambientais, ao incorporar o meio ambiente nas estratégias de desenvolvimento econômico.

Critério cultural – Incorpora aos conteúdos escolares a produção simbólica do espaço vivido, seus diferentes gêneros de vida que se expressam nas paisagens culturais, histórica e geograficamente específicas. A cultura conforma espaços geográficos plurais, produto da transformação do mundo natural em um mundo humano, impregnado de significados dados pela linguagem, gesto, vestuário, conduta pessoal e social, rituais, música, pintura, edificações e estruturas de poder. Patrimônios materiais e imateriais que dão identidade aos lugares e suas gentes. O uso do critério cultural na seleção dos conteúdos precisa incorporar também as “vozes ausentes na seleção da cultura escolar”, ou seja, as culturas de etnias minoritárias (caiçaras, quilombolas, povos da floresta, indígenas) e os grupos marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder.

Critério pedagógico – Incorpora aos conhecimentos escolares uma rede de noções, conceitos, procedimentos e atitudes. Recortados da cultura humana e ressignificados sob a óptica do desenvolvimento de capacidades, esse critério desafia o educador ao seu tratamento na Geografia Escolar em diferentes níveis de complexidade e em diferentes contextos, ao longo do processo de escolarização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cartografia

ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). *Cartografia escolar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINELLI, Marcello. *Mapas da Geografia e cartografia temática*. São Paulo: Contexto, 2003.

Educação geográfica

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al* (Orgs). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

PAGANELLI Tomoko Iyda *et al*. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHÄFFER, Neiva Otero *et al*. *Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Interfaces

BARRETDUCROCQ, Françoise. *Globalização para quem? Uma discussão sobre os rumos da globalização*. São Paulo: Futura, 2004.

CAVALCANTI, C. (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

SILVA, Marina *et al* (Orgs.). *O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *O descompasso entre as nações*. São Paulo: Record, 2004.

Obras geográficas

AB'SABER, Aziz. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Dilemas urbanos*. São Paulo: Contexto, 2003.

CASTRO, Iná *et al* (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. *Introdução à Geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.

GONÇAVESPORTO, Carlos W. *O desafio ambiental*. São Paulo: Record, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *O mito do desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério e PORTOGONÇAVES, Carlos Walter. *A nova desordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Saete (Orgs.). *Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2000.

SENE, Eustáquio de. *Globalização e espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2004.

Paradidáticos

BRANCO, Samuel M. *Caatinga: a paisagem e o homem sertanejo*. 2.ed. São Paulo: Moderna: 2000.

BRIGAGÃO, Clóvis *et al.* *Globalização a olho nu: o mundo conectado*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

DUARTE, Fábio. *Global e local no mundo contemporâneo: integração e conflito em escala global*. São Paulo: Moderna, 2000.

MAGNOLI, Demétrio. *Globalização: estado nacional e espaço mundial*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINEZ, Paulo. *Multinacionais: desenvolvimento ou exploração?* São Paulo: Moderna, 2000.

STRAZZACAPPA, Cristina *et al.* *Globalização: o que é isso, afinal?* 2 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

ORGANIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS NA PROPOSIÇÃO CURRICULAR DE GEOGRAFIA

“A natureza cambiante do mundo contemporâneo, e da intensidade da velocidade que o qualifica, impõe a necessária simultaneidade de novos olhares, novas técnicas e novas perspectivas sobre o objeto de estudo da geografia. Impõe, sobretudo, a abertura das mentes para se criar o novo, o diferente, aquele que superará o estágio de dificuldades e limitações de apreensão do real que tão marcadamente ainda caracteriza o presente.”

Francisco Mendonça

Dentre as ricas possibilidades temáticas, é preciso priorizar aquelas que imprimem consistência ao desenvolvimento de um *raciocínio geográfico*.

Propomos uma organização dos conhecimentos sob a forma de sete eixos norteadores ligados entre si por um *eixo estruturante: A espacialidade e a territorialidade da relação sociedade e natureza no movimento de inclusão e exclusão*.

Cada eixo norteador, sempre tendo como referência o eixo estruturante, é um recorte no espaço/tempo das significações e dos símbolos construídos pela sociedade humana e que está presente de forma diversa e conflituosa nos espaços de vivência do educando. São eles:

1. A Relação Sociedade e Natureza;
2. O Lugar na Totalidade-Mundo;
3. Territórios e Fronteiras na Globalização e na Fragmentação;
4. Descobrimos a Cidade e o Campo;
5. Questões Socioambientais e Sociedades Sustentáveis;
6. A Espacialidade e a Territorialidade das Manifestações Socioculturais;
7. As Relações Espaciais e as Linguagens Geográficas.

Em cada um deles está apresentada uma sugestão de distribuição das capacidades/habilidades nos anos do ciclo, seguindo a mesma proposição do CEALE/FaE/UFMG, isto é, o planejamento pedagógico deve ser organizado a partir de uma lógica em que o desenvolvimento das capacidades/habilidades precisa ser realizado em um movimento no ciclo que garanta que os conhecimentos escolares sejam introduzidos, retomados, trabalhados e consolidados. Tal organização representa uma possibilidade de ajudar o planejamento pedagógico por ano do ciclo, ou seja, indicar o momento em que será mais adequado introduzir, retomar, trabalhar ou consolidar uma capacidade por eixo temático. Entretanto, embora a lógica precise de uma sugestão de distribuição, deve ficar claro que o planejamento do professor precisa levar em conta a avaliação diagnóstica feita em cada turma de maneira diferenciada.

Reproduzimos a definição do documento geral dos cadernos Desafios da Formação para auxiliar a organização dos processos escolares, ampliando-o no que explica melhor as Proposições Curriculares de Geografia:

I – Introduzir – Leva os estudantes a se familiarizarem com conceitos e procedimentos escolares, tendo em vista as capacidades que já desenvolveram em seu cotidiano ou na própria escola. Os estudantes, no seu dia a dia, desenvolvem muitos conhecimentos e, nesse sentido, **Introduzir** não significa necessariamente um primeiro contato com determinado conceito, mas, sim, um primeiro tratamento escolar dele, que busca articular o que o estudante já sabe com a nova situação-problema. Da mesma maneira, a abordagem inicial de uma determinada capacidade/habilidade muitas vezes depende de conteúdos e de procedimentos que foram aprendidos na própria escola, quando do desenvolvimento de outras capacidades/habilidades. Assim, a introdução dessa nova capacidade acontecerá de modo articulado com uma retomada de aspectos relacionados a essas outras capacidades.

R – Retomar – Ao se introduzir o trabalho pedagógico com uma determinada capacidade, aspectos que se relacionam a outras capacidades já consolidadas necessariamente terão de ser retomados, sendo ampliados à medida que se trabalha sistematicamente com essa nova capacidade a ser desenvolvida. Procuraremos evidenciar aquelas capacidades que, mesmo após serem consolidadas, serão objeto de trabalho pedagógico do professor, por serem importantes no desenvolvimento de outras. É importante ressaltar que **Retomar** não tem o mesmo sentido de revisar. Revisar tem muitas vezes um sentido de repetição de algo que já deveria ter sido aprendido. **Retomar** significa que o estudante já está aprendendo algo novo e que, para isso, há uma nova abordagem daquilo que já foi ensinado. Promove uma ampliação das capacidades e uma nova e diferente oportunidade para aqueles estudantes que não a desenvolveram plenamente.

T – Trabalhar – Tipo de abordagem que explora de modo sistemático as diversas situações-problema que promovem o desenvolvimento das capacidades/habilidades que serão enfocadas pelo professor. Demanda um planejamento cuidadoso das atividades que deverão ser variadas, de modo a explorar as várias dimensões dos conhecimentos disciplinares que se relacionam a uma determinada capacidade e também as inter-relações com outras capacidades/habilidades. É importante que o professor organize seu trabalho tendo bem definida a capacidade que pretende desenvolver. Essa é uma fase em que os processos avaliativos são fundamentais para que o professor defina as intervenções a serem feitas no processo de ensino-aprendizagem, de modo a ter clareza sobre o que efetivamente poderá ser consolidado pelos estudantes ao final desse processo.

C – Consolidar – No contínuo processo de aprendizagem dos estudantes, chega um momento em que é preciso sedimentar os avanços que ocorreram em seus conhecimentos. Nesse momento, determinados conceitos, procedimentos e comportamentos que foram trabalhados

sistematicamente pelo professor devem ser colocados como objeto de reflexão na sala de aula, de modo que o trabalho pedagógico realizado com eles seja claramente concluído. Esse é o momento em que se formaliza a aprendizagem de acordo com a capacidade desenvolvida, na forma de resumos, sínteses e registros com a linguagem adequada a cada área do conhecimento. A avaliação assume nessa fase o objetivo de compor um quadro das aprendizagens construídas pelos estudantes, que serão tomadas como referência na comunicação com as famílias e na continuidade do trabalho pedagógico no ciclo.

1. EIXO NORTEADOR: A RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA

A história da sociedade humana na sua relação com a natureza deixa em evidência permanentes transformações que se revelam na (re)produção dos espaços geográficos. Com o trabalho e todo o instrumental de conhecimentos e técnicas, historicamente determinados, a sociedade humana promoveu a produção de riquezas geradas pelas atividades agropecuárias, industriais, comerciais e de serviços. As matérias-primas são extraídas da natureza sob a forma de minerais, rochas, solos, vegetais, água e da rica biodiversidade dos ecossistemas. Esse modo de vida altamente industrializado, que se expande rapidamente pelo planeta Terra, apresenta contradições evidenciadas nos conflitos em jogo na (re)produção do espaço geográfico. Ao mesmo tempo em que denuncia e sensibiliza, esse eixo norteador aponta caminhos, um outro mundo possível, pois como afirma Gadotti, “o simples fato de aprender a economizar, a reciclar, a compartilhar, a complementar, a preservar, a aceitar a diferença pode representar uma revolução no corpo do sistema social.” (GADOTTI, 2002, p. 85.)

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Descrever paisagens de seu espaço de vivência.	I	R	T
2. Diferenciar numa paisagem coisas feitas pelo homem e coisas feitas pela natureza.	I	I/R	T
3. Observar diferença entre paisagens.	I	R	T
4. Reconhecer, em situações concretas e em imagens, o que é o rio, o mar, a lagoa, a chuva e a enchente.	I	R	T
5. Identificar o uso da natureza estabelecendo relações, tais como: água encanada com água de rios; rios e energia elétrica; utensílios domésticos com a matéria-prima correspondente.	I	R	T
6. Identificar um produto industrializado (um brinquedo, uma peça do vestuário, um material escolar, um alimento) e sua origem na natureza.	I	R	T
7. Compreender as diferenças entre as formas de apropriação do lugar de moradia.	I	R	T
8. Relacionar trabalho social e transformação da natureza.	I	R	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar e comparar características de seu entorno local: o clima, as características da superfície e as atividades exercidas por seus habitantes que envolvam relações espaciais e ambientais.	I	R/T	C
2. Participar de discussões e ações acerca dos limites de uso dos bens naturais pela sociedade.	I	R/T	T
3. Propor mudanças de hábitos relacionados ao acondicionamento e transporte de produtos, ao reaproveitamento de materiais e à coleta seletiva de lixo.	I	T	T
4. Explicar os impactos que o estilo de vida e os hábitos de consumo exercem sobre os ecossistemas naturais e propor ações de intervenção para criação de culturas ecologizadas.	I	T	T
5. Conhecer e discutir a interdependência entre os elementos naturais.	I	R/T	T

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Interpretar os indicadores sócioeconômicos para avaliar a produção do espaço, tais como: níveis de escolaridade, taxa de analfabetismo, proporção de pobres, PIB, <i>per capita</i> , taxa de trabalho infantil, taxa de desemprego.	I	T	C
2. Comparar desenvolvimento (in)sustentável a partir de indicadores sociais, tais como: informações sobre saúde, educação, trabalho e rendimento, domicílios, famílias, grupos populacionais específicos e trabalho de crianças e adolescentes, entre outros aspectos.	I	T	C
3. Comparar desenvolvimento (in) sustentável a partir de indicadores econômicos, tais como: juros, inflação, salário e outros com significado social.		I	T
4. Comparar desenvolvimento (in) sustentável a partir de indicadores ambientais.		I	T
5. Conhecer indicadores econômicos, como: juros, inflação, salário e outros para compreender a sua função social.		I	T
6. Relacionar política pública com desenvolvimento sócioeconômico.		I	T
7. Relacionar trabalho, emprego e desenvolvimento econômico.		I	T
8. Relacionar transporte com economia.		I	T
9. Identificar os tipos de relações que se estabelecem entre sociedade e natureza, presentes no debate ambiental.	I	T	C
10. Avaliar as mudanças climáticas a partir do aquecimento global.		I	T
11. Identificar a biodiversidade brasileira e sua importância para o planeta Terra.	I	T	C

2. EIXO NORTEADOR: O LUGAR NA TOTALIDADE-MUNDO

Este eixo norteador coloca em destaque o desenvolvimento da noção de lugar. Mas, o que é o lugar? É uma porção do espaço geográfico onde se constrói a vida e se exercita (ou não) a cidadania. O lugar é, ao mesmo tempo, uma porção de espaço localizável, que contém uma orientação espacial, bem como vivências, lembranças, significações. A noção de lugar inclui, além da localização e orientação espaciais, o sentimento de pertencimento, de raiz, de identidade. Ou o contrário, o sentimento de desterritorialidade. Mas não é só isso. O lugar revela as transformações do mundo, conecta (ou não) com ele em redes técnicas que permitem a circulação de informações instantâneas (internet, sistema *online*), de pessoas e de mercadorias. Essas redes técnicas superam as distâncias, tornam as fronteiras flexíveis, fragilizam territórios e aproximam os lugares. Tão importante quanto essa consciência do lugar é a consciência de mundo, que se adquire a partir do lugar.

Em suma, desenvolver a noção de lugar implica trabalhá-lo nas três dimensões que ele contém: de localização e direção; de pertencimento e identidade; e de conexão com a totalidade-mundo.

São considerados importantes trabalhos com os seguintes conceitos: exclusão; inclusão; inclusão degradada; cotidiano; lugar; periferia; centro.

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Traçar mapas mentais de seu espaço de vivência.	I	R	T
2. Desenvolver noções de lugar, naturalidade, nacionalidade, como elementos constituintes da identidade cultural.	I	R	T
3. Descrever lugares com significado afetivo em seu espaço de vivência.	I	T	C
4. Comparar paisagens de Belo Horizonte com paisagens em diferentes escalas.	I	R	T
5. Entender que os lugares estão interligados por uma rede de transportes e virtualmente pelo sistema <i>online</i> .	I	R	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Descrever as relações campo e cidade, tendo como referência o lugar em que vive e o espaço brasileiro.	I	T	C
2. Interpretar, nas paisagens rurais e urbanas, a espacialidade socialmente construída e as múltiplas temporalidades que elas contêm.	I	R/T	C
3. Comparar diferentes lugares do planeta Terra em textos e em imagens, tendo como referência o seu lugar no mundo.	R/T	T	C
4. Compreender que os produtos são provenientes de diferentes regiões e que chegam ao nosso cotidiano pela interligação dos lugares por meio da rede de transportes.	R/T	T	C

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Ler nas paisagens os arranjos que explicam o lugar e o território em relação à qualidade de vida e à justiça social.		I/T	T/C
2. Explicar os tipos de relações sociais existentes no território, relacionando-os com os lugares, suas estratégias de inclusão e exclusão das populações.		I/T	T/C
3. Reconhecer a cidade na territorialidade de bandos, gangues, tribos, identificando as demarcações no seu espaço de vivência e relacionando-os com a singularidade ou com a generalidade de outros cotidianos.	I	T/C	C
4. Compreender o papel do Brasil no contexto internacional.	I	T	C

3. EIXO NORTEADOR: TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS NA GLOBALIZAÇÃO E NA FRAGMENTAÇÃO

O território expressa, concreta e historicamente, o espaço geográfico onde se realiza a produção e as relações de trabalho. Ele é *usado* e *habitado* pelo povo de um país para criar seu lugar e sua territorialidade. Nele, a sociedade se manifesta demarcando suas crenças, ideias, políticas, tradições de diferentes povos e etnias, enfim, sua legitimidade quase sempre geradora de conflitos decorrentes da disputa pelo poder.

O poder de uso do território varia, pois depende de suas políticas no movimento contraditório da globalização e da fragmentação. Quer dizer, depende do uso competitivo, seletivo e hierárquico do espaço que é determinado tanto pela organização interna quanto por interesses externos daqueles que controlam os recursos necessários à produção, à circulação e ao consumo.

O território relaciona-se também com a paisagem, entendida como forma de lhe dar a visibilidade tão explorada pela mídia, bem como com o *lugar*, que representa o sentimento de pertencimento ao território nacional.

A partir das sugestões e dos debates com professores da Rede Municipal durante a Rede de Formação 2008, consideramos importante incluir os seguintes conceitos que devem ser trabalhados no 3º ciclo: territórios; fronteiras; fragmentação do espaço; reprodução do espaço; globalização; terrorismo. Outra consideração relevante é que este eixo deve ser trabalhado a partir de determinados eventos mundiais (Copa do Mundo, Olimpíadas), pois, dessa forma, pode-se tornar mais significativo o desenvolvimento das discussões acerca dos sentidos da globalização. (A Olimpíada de Pequim pode ser apontada como um excelente exemplo para este eixo.)

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Compreender que os objetos de seu uso podem ter sido fabricados em outros lugares.	I	R/T	T
2. Identificar, em imagens, a exclusão social no espaço de vivência, tais como, os sem terra, sem trabalho, sem instrução escolar; o trabalho infantil, o trabalho escravo; a população de rua.		I	R/T
3. Identificar em seu espaço de vivência territórios do lazer, da religião, do trabalho.		I	R/T
4. Identificar diferentes culturas em um mesmo espaço de convivência.		I	R/T
5. Compreender que existem diferentes lugares que são reconhecidos como cidades.		I	R/T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Questionar a exclusão social nas situações de segregação espacial.	R/T	T	T
2. Compreender que a forma de apropriação da natureza por meio do trabalho tem resultado em espaços diferenciados, geradores de conflitos e contradições, tais como: segregação espacial, aglomerados de exclusão, paisagens excluídas.	R/T	T	T
3. Compreender que existe uma circulação de informações.	R/T	T	C
4. Valorizar a inclusão de territórios e pessoas, e questionar a exclusão de territórios e pessoas ou grupos sociais.	R/T	T	T
5. Ler mapas temáticos, a partir de indicadores econômicos e sociais.	T	R/T	T

Capacidades/habilidades – 3º Ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Compreender que a forma de apropriação da natureza por meio do trabalho tem resultado em espaços diferenciados, geradores de conflitos e de contradições, tais como: segregação espacial, aglomerados de exclusão, paisagens excluídas, paisagens emergentes e paisagens dominantes.	I	R/T	C
2. Interpretar, em mapas, gráficos, tabelas e em imagens, fatos e fenômenos relacionados à globalização/fragmentação política, econômica, cultural.	I	R/T	C
3. Identificar e mapear as fronteiras políticas, raciais, econômicas, culturais, religiosas, linguísticas, localizando suas territorialidades e desterritorialidades.	I	R/T	C
4. Interpretar em mapas temáticos a Nova Ordem ou Desordem Mundial, referenciando-se na lógica da globalização e fragmentação.		I	T
5. Identificar as áreas de exclusão utilizando textos, gráficos, tabelas, mapas temáticos, globo terrestre.	I	R/T	C
6. Identificar o papel e a área de atuação das Organizações Internacionais (ONU, FMI, Banco Mundial).		I	T
7. Compreender a rede urbana.	I	T	C
8. Identificar o papel das redes técnicas e ilegais na produção do espaço geográfico.			I/T/C
9. Relacionar violência e paz com exclusão e inclusão social.	I	T	C
10. Compreender a modernização resultante da revolução tecnológica, seus conflitos e suas contradições, gerados na forma de como se distribuem seus benefícios pela humanidade.	I	T	C
11. Interpretar documentos que discutem os impactos negativos da globalização econômica na paisagem natural e cultural, propondo alternativas de uso sustentável do planeta Terra.		I	T
12. Compreender o papel das redes virtuais na vida dos adolescentes e analisar a exclusão e a inclusão digital.	I	T	C
13. Estabelecer relações entre diferenças culturais, econômicas e nacionalidades e regionalidades (África com etnia negra; Brasil com miscigenação; campo com cultura agrária; feminino e masculino com direitos sociais; Japão e China com produtos importados que “invadem” o seu cotidiano, dentre outros).	I	T	C

4. EIXO NORTEADOR: DESCOBRINDO A CIDADE E O CAMPO

A cidade e o campo são lugares privilegiados e diferenciados de usos do território, e com esse foco devem ser abordados. Descobrir a cidade e o campo significa vê-los em suas contradições e possibilidades.

Nessa direção, a cidade deve ser estudada em suas paisagens que evidenciam a segregação espacial, a constituição de “tribos urbanas” – galeras, gangues, movimentos *hip-hop*, favelas, moradores de rua. Mas, também, em seus bastidores, pela corrupção do poder constituído, as redes ilegais do narcotráfico e os jogos clandestinos, a exploração de crianças, a ação de gangues de roubos e crimes. Merece tratamento a abordagem da espacialidade dos arranjos coletivos da cidade voltados para o lazer, como os *shopping centers*, parques, pistas de esportes, jardins, trilhas, quadras poliesportivas, cinemas, teatros, lagoas, que garantem (ou não) a inclusão das pessoas no espaço das cidades.

Outros estudos da cidade estão relacionados à produção do espaço urbano em diferentes cotidianos: a infraestrutura urbana e os fluxos propiciados por ela; o trabalho e as expressões de desenvolvimento expressos na economia formal e informal; o rio que corta a cidade e sua territorialização; as festas tradicionais das comunidades e sua expressão cultural. Uma vez que o aluno vivencia elementos da produção da metrópole e da cidade global, é importante que sejam objeto de discussão as mídias, as vias de circulação, os tempos diferenciados, o *delivery*, as filas para atendimentos, enfim, a vida 24 horas.

No campo, são as novas ruralidades que devem gerar observação sobre como o espaço está organizado e no que ele se diferencia e se aproxima do modo de vida urbano.

No campo e na cidade é importante compreender o papel dos movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto. Nesse sentido, o bairro pode ser o ponto de partida para o contexto urbano (Orçamento Participativo; Movimento dos Sem-Teto). Já no campo as relações de trabalho e a estrutura fundiária podem apontar temas para projetos.

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Reconhecer sua cidade e identificar seus traçados: ruas, viadutos, esquinas, avenidas, bairros, centro, sinais de trânsito, meios de transporte urbano.	I	R/T	T
2. Saber seu endereço e reconhecer a importância social da moradia.	I	T	C
3. Identificar imagens do campo e da cidade.	I	T	C
4. Descrever elementos de paisagens urbanas e rurais.	I	T	C
5. Valorizar e respeitar as culturas urbana e rural.	I	T	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar as atividades econômicas envolvidas nos produtos de seu cotidiano: comercialização (na ideia de compra e venda); indústria (na ideia de transformação dos recursos naturais); agricultura e pecuária (na noção de horta, pomar, curral) e serviços (na noção de serviços mecânicos, domésticos, médicos, odontológicos, de entregas via <i>motoboy</i> , entre outros).	I	T	C
2. Reconhecer e explicar que a problemática socioambiental é decorrência das relações entre sociedade e natureza, e das relações entre as pessoas, sob determinadas formas de organização sócioespacial.	I	R/T	T
3. Compreender a relação entre o crescimento urbano e as mudanças na vida da cidade e do campo.	I	T	T
4. Relacionar diferentes tipos de atividade humana com lugares específicos em sua cidade, em regiões rurais e associá-las a outros lugares.	R/T	T	C

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Ler nas paisagens os arranjos que explicam o lugar e o território em relação à qualidade de vida e à justiça social.		I/T	T/C
2. Explicar os tipos de relações sociais existentes no território, relacionando-os com os lugares, suas estratégias de inclusão e exclusão das populações.		I/T	T/C
3. Reconhecer a cidade na territorialidade de bandos, gangues, tribos, identificando as demarcações no seu espaço de vivência e relacionando-os com a singularidade ou generalidade de outros cotidianos.	I	T/C	C
4. Compreender o papel do Brasil no contexto internacional.	I	T	C
5. Identificar a produção do espaço rural com a leitura das relações estabelecidas a partir do ecoturismo, do turismo rural e do agronegócio.			
6. Compreender a constituição e o desenvolvimento dos movimentos sociais no campo e na cidade, e os resultados das lutas sociais.			

5. EIXO NORTEADOR: QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS E SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS

A degradação da natureza ganha visibilidade nas paisagens de quase todos os lugares urbanos e rurais do planeta, evidenciando uma desarmonia no sistema cultural da sociedade urbano-industrial. Os padrões de produção e de consumo nada têm de racional, embora seus modelos de desenvolvimento sejam regulamentados por sistemas institucionais e de poder, responsáveis pelas diretrizes políticas de apropriação e uso do território.

Além de comprometer o equilíbrio do planeta, esses modelos desenvolvimentistas, acirrados hoje pela globalização/fragmentação cada vez mais excludentes, carecem de parâmetros de justiça ambiental porque se pautam numa visão de mundo utilitarista, economicista, consumista, imediatista e predatória, e em estilos de vida altamente poluidores, esbanjadores, insustentáveis. O aquecimento global e as mudanças climáticas em curso mostram o nível de degradação da natureza e da vida a que chegamos com o uso descontrolado e abusivo dos elementos naturais, pela busca insaciável do lucro rápido e fácil, de máquinas que se movimentam a custa de fontes energéticas altamente poluidoras.

É necessário aprofundar a compreensão das origens sociais, políticas e econômicas da degradação da natureza, criticar os atuais padrões de produção e de consumo, bem como avaliar os valores da sociedade urbano-industrial. A partir daí, o enfoque se volta para alternativas que sinalizam para uma nova relação do ser humano consigo mesmo, com o semelhante, com a natureza e o planeta como um todo, comprometido com culturas de padrões de produção e consumo coerentes com uma vida sustentável.

Neste eixo ganha relevância a noção de *sustentabilidade* – desenvolvimento que não compromete o futuro.

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Construir atitudes responsáveis na relação com seu espaço de vivência.	I	R/T	T
2. Avaliar o uso de diferentes paisagens.		I	R/T
3. Relacionar consumo e desgaste da natureza.		I	R/T
4. Identificar o uso inadequado da natureza.		I	R/T
5. Propor formas sustentáveis para o uso da natureza.		I	T
6. Propor mudanças de hábitos relacionados ao uso e consumo da água e da energia elétrica.		I	R/T
7. Opinar sobre os atos de vandalismo representados pelas pichações nos patrimônios públicos e privados.		I	T
8. Desenvolver uma consciência ética em relação a todas as formas de vida do planeta, respeitando seus ciclos vitais.	I	R/T	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar nas paisagens da cidade e do campo os arranjos que explicam o lugar, o território e o tempo em relação à qualidade de vida e à justiça social.	R/T	T	T
2. Problematicar os valores que têm norteado os padrões de produção e de consumo na sociedade atual.	R/T	T	T
3. Problematicar a sociedade de consumo e o esbanjamento dos recursos naturais, estabelecendo relação entre consumismo e desperdício.	R/T	T	T
4. Relacionar os atuais padrões de produção e consumo insustentáveis com os tipos de poluição (ar, água, solo), o aquecimento do planeta (efeito estufa), o lixo e as desigualdades sociais.	I	R/T	T
5. Compreender a dimensão social da relação entre sociedade e natureza e os problemas socioambientais decorrentes do uso/abuso dos bens naturais pela sociedade urbano-industrial.	R/T	T	T
6. Propor projetos de intervenção na realidade socioespacial que envolvam ações de conservação das paisagens urbanas e rurais.	R/T	T	T
7. Propor atitudes conservacionistas em relação aos resíduos sólidos, ao saneamento básico, ao abastecimento de água, à produção de alimentos, às áreas de lazer e aos bens públicos do patrimônio comum.	I	T	C
8. Participar de discussões e ações acerca dos limites de uso dos bens naturais pela sociedade.	R/T	T	T
9. Diferenciar paisagem degradada de paisagem de uso sustentável.	R/T	T	C

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar em situações e imagens as noções de sociedades sustentáveis, sustentabilidade social, sustentabilidade ambiental, qualidade de vida, justiça social e justiça ecológica, padrões de produção e consumo, consumo, consumismo, desigualdades sociais, equidade social, distribuição de renda, pobreza, riqueza.	I	T	C
2. Avaliar a importância da adoção de atitudes ambientalmente sustentáveis em relação ao lixo, ao saneamento básico, ao abastecimento de água, à produção e ao beneficiamento e aproveitamento de alimentos, às áreas de lazer, aos bens públicos do patrimônio comum.	I	T	C
3. Avaliar alternativas de combate à exclusão social, referenciando-se em modelos de desenvolvimento politicamente sustentáveis, em diferentes escalas.		I	T
4. Propor ações de intervenção na realidade sócioespacial que envolve a preservação da memória e a recuperação de áreas degradadas.		R/T	C
5. Problematizar a sociedade de consumo e o esbanjamento dos recursos naturais, estabelecendo relação entre consumo, consumismo e desperdício.		R/T	C
6. Valorizar ações, tais como: economizar, reciclar, complementar, compartilhar e preservar.		R/T	C
7. Relacionar os atuais padrões de produção e consumo insustentáveis com os tipos de poluição (ar, água, solo), o aquecimento do planeta (efeito estufa), o lixo e as desigualdades sociais.		R/T	C
8. Avaliar as políticas públicas que regulam o comportamento das empresas em território nacional diante da necessidade de processos ambientalmente mais sustentáveis.		I	T
9. Compreender e explicar o significado de uma sociedade sustentável e de uma sociedade insustentável		R/T	C
10. Avaliar a criação dos movimentos ecológicos e suas práticas em defesa do meio ambiente.		I, T	C

6. EIXO NORTEADOR: A ESPACIALIDADE E A TERRITORIALIDADE DAS MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Ganha visibilidade na realidade sócioespacial contemporânea a ação modeladora e diferenciada da cultura sobre as diversas paisagens do planeta. Tal fato é uma decorrência da dinâmica inovadora de valores, tipos de comportamento e do uso de técnicas que fazem da cultura esse conjunto mutável e mutante.

O efeito transformador da cultura aparece nas paisagens sob a forma de múltiplas temporalidades dos sistemas técnicos e da convivência de antigas e novas infraestruturas espaciais. No estudo das paisagens é preciso considerar, além das mediações convencionais (processos sociais e históricos, políticos, econômicos, dinâmica natural), os elementos culturais em sua espacialidade e territorialidade.

São os elementos culturais que animam e dão vida às paisagens pela força dos símbolos, das imagens e do imaginário, tomados como conteúdos explicativos das realidades socioespaciais. Esses estudos devem possibilitar a abordagem de questões sobre a inclusão das diferenças e desigualdades regionais e nacionais, as modernizações dos lugares e a apropriação das paisagens terrestres com vistas à preservação dos patrimônios ambientais, naturais e culturais. Enfim, é nesse eixo que o regionalismo deve ser trabalhado.

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Reconhecer e respeitar a diversidade de hábitos culturais de sua turma.	I	R/T	T
2. Identificar em imagens, pela forma de vestir e de se alimentar, diferenças culturais em cotidianos de crianças.	I	R/T	T
3. Respeitar e valorizar as diferenças culturais do povo brasileiro, principalmente as herdadas dos africanos e dos indígenas, em comentários e desenhos.	I	T	R
4. Identificar em imagens o conhecimento das populações tradicionais.	I	R/T	T
5. Identificar a prática da etnobiopirataria em situações trabalhadas.	I	R/T	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar e localizar a distribuição das populações tradicionais no território mineiro e brasileiro, avaliando o compromisso constitucional de seus direitos de cidadania.	R/T	T	C
2. Reconhecer, valorizar e respeitar a sociodiversidade como patrimônio cultural dos seres humanos.	R/T	T	C
3. Diferenciar as paisagens dos domínios morfoclimáticos brasileiros, identificando sua tropicalidade e a forma de territorialização da natureza pelas culturas locais, reconhecendo as práticas culturais das populações tradicionais (quilombolas, indígenas, caiçaras).	I	R/T	T
4. Compreender a luta das populações tradicionais em defesa das matrizes de racionalidade próprias de sua cultura.	I	R/T	T

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Interpretar a diversidade regional brasileira expressa em diferentes situações, fatos, imagens, mapas e reportagens.	I	T/C	
2. Compreender a importância de preservação do modo de vida das populações tradicionais no município, no estado, no país, propondo ações que garantam seus direitos constitucionais de pertencimento a grupos sociodiversos.	I	T	C
3. Identificar o papel das religiões na produção do espaço em diferentes escalas e na rede de relações.	I	T	C
4. Relacionar a dimensão religiosa da sociedade (islamismo e hinduísmo) com a geopolítica.	I	T	C
5. Analisar como os povos das diferentes paisagens constroem suas identidades demarcando sua territorialidade e espacialidade.	I	T	C
6. Identificar a importância da memória social na preservação patrimonial.	R/T	T	C

7. EIXO NORTEADOR E MEDIDOR: AS RELAÇÕES ESPACIAIS E AS LINGUAGENS

GEOGRÁFICAS

O cotidiano do aluno é pleno de vivências espaciais. Desde o nascimento, a criança se desloca, começa a construir a noção de que objetos e pessoas ocupam espaços diferentes, percebe que existem proximidade e distância, movimento e diferenças à sua volta. No ambiente escolar, tal percepção precisa de uma mediação dos professores para o desenvolvimento das relações importantes da orientação espacial. Assim, compreender o que está perto, longe, em cima, embaixo, começar a se referenciar por um ponto deslocado de seu próprio corpo, deixa de ser percepções aleatórias e passam a fundamentar a noção de espaço no aluno.

É importante saber que as habilidades relacionadas à orientação espacial, trabalhadas por meio das relações topológicas, projetivas e euclidianas, são parte da construção da noção de espaço geográfico.

É imprescindível para a pessoa saber localizar-se, saber deslocar-se em direções diferentes, ficar orientado espacialmente e saber orientar outras pessoas. Mas, para que o aluno aprenda a ler o espaço geográfico, será preciso interpretar e reconhecer as práticas sociais que produzem a qualidade de vida que o espaço geográfico expressa. Será preciso, portanto, trabalhar com o aluno uma interpretação das paisagens e a noção de lugar e território.

Este eixo privilegia o desenvolvimento das relações espaciais topológicas elementares, ou seja, as relações espaciais que se estabelecem com o espaço próximo por meio de referenciais, como: dentro, fora, na frente, ao lado, atrás, perto, longe. São também as relações espaciais que se processam no plano perceptivo, como: vizinhança (o que está ao lado), separação (fronteira), ordem (o que vem antes e depois), envolvimento (o que está em torno) e continuidade (a que recorte do espaço a área considerada corresponde). Esses conceitos são importantes por contribuírem para a localização geográfica.

Este eixo deve possibilitar a exploração do espaço próximo, o desenvolvimento das referências que imprimem possibilidade de compreender as linguagens geográficas que têm uma especificidade e darão sentido ao reconhecimento dos instrumentos de representação mais utilizados socialmente, como mapas, plantas, globos, fotografias de satélite – o que esses instrumentos representam e para que são usados.

Entretanto, a essência deste eixo temático é o trabalho da dimensão espacial da *corporeidade*. Trata-se da realidade do corpo em suas interações sociais no processo de construção da vida no espaço geográfico. É preciso considerar a diversidade a partir das vivências cotidianas, pois é na dimensão espacial da individualidade que a pessoa tem a oportunidade de colocar-se no lugar do outro, com vistas a uma formação para a *alteridade*. Tal exercício de respeito às suas próprias

singularidades para ter respeito pelo outro (alteridade) precisa somar-se a uma terceira dimensão espacial: a *sociabilidade*. Nessa dimensão, cada pessoa mostra-se inteira, por meio de seu corpo, de sua identidade, de suas ideias e ações, nesse fenômeno de estar junto, compartilhando os espaços das vivências cotidianas. A sociabilidade dimensiona-se espacialmente nas relações que as pessoas estabelecem para estudar, brincar, trabalhar, usar os lugares de lazer e entretenimento, definir a gestão dos bens do território, planejar e executar as políticas de uso do solo urbano e do solo rural, distribuir a riqueza nacional, praticar a filantropia – ajuda a flagelados, por exemplo.

Capacidades/habilidades – 1º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar e desenhar características do entorno local.	I	T	C
2. Indicar direções tomando vários pontos de Belo Horizonte como referência.	I	R/T	T
3. Localizar-se nos lugares atendendo aos comandos: direita, esquerda, frente e atrás.	I	R/T	C
4. Desenhar e entender símbolos para ilustrar mapas reais ou imaginários.	I	R/T	T
5. Entender o que é mapeamento de fenômenos de dimensão espacial.	I	R/T	T
6. Discriminar os planos de uma paisagem.	I	R/T	T
7. Desenhar diferentes paisagens.	I	R/T	T
8. Manusear mapas, globo terrestre e bússola.	I	R/T	T
9. Ler textos literários e poéticos, imagens, incluindo vídeo, mapas, croquis, plantas, como portadores de informação.		I	R
10. Seguir direções empregando esquerda, direita, frente, atrás, em círculo.	I	R/T	T
11. Identificar informações em imagens, filmes, textos, mapas, maquetes e plantas de acordo com o tema em pauta.		I	R
12. Comunicar-se em uma variedade de formas, incluindo imagens, desenhos, mapas, poema, música, mímica, gestos.	I	R/T	T

Capacidades/habilidades – 2º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Localizar o distrito, o município, a sede, a metrópole, a cidade global dentro da hierarquia político-administrativa do estado.	I	R/T	T
2. Orientar-se usando referenciais próprios das relações espaciais, reconhecendo um mapa, o que ele representa e para que é usado.	R/T	T	C
3. Entender a conservação de distância, comprimento e superfície e a construção da medida de comprimento, ou seja, coordenar medidas e utilizar os referenciais de altura e comprimento horizontal e vertical essenciais para a construção do sistema de coordenadas.	R/T	T	C
4. Correlacionar fenômenos socioespaciais por meio da leitura de mapas temáticos.	R/T	T	T
5. Identificar o Brasil e outros países no mapa-múndi.	R	T	T
6. Identificar os continentes, oceanos e mares no mapa-múndi.	I	R/T	T
7. Usar as coordenadas geográficas para localizar lugares no mapa-múndi e em mapas temáticos.		I	R/T
8. Usar a construção de maquetes para representar diferentes fenômenos da dinâmica terrestre e das realidades sócioespaciais.	R/T	T	T

Capacidades/habilidades – 3º ciclo	1º ano	2º ano	3º ano
1. Compreender que a distância entre dois pontos em linha reta em mapas expressa a escala utilizada.	R/T	<u>I</u>	<u>C</u>
2. Ler mapas, globo terrestre, plantas, croquis, maquetes, como portadores de texto.	R/T	<u>I</u>	<u>C</u>
3. Representar informações referentes aos conteúdos em linguagem cartográfica.	R/T	<u>I</u>	<u>C</u>
4. Interpretar gráficos e tabelas que expressem fenômenos sócioespaciais e socioculturais.	R/T	<u>I</u>	<u>C</u>
5. Reconhecer a importância do uso de satélites artificiais nos meios de comunicação e na localização geográfica – GPS (Sistema de Posicionamento Global).	I/T	T	C
6. Identificar e mapear as formas de regionalizar o mundo a partir dos principais critérios de classificação.	R/T	<u>I</u>	<u>C</u>
7. Interpretar em mapas os principais critérios de regionalização.	I	R/T	C
8. Compreender como um mapa é produzido.	R	T	C
9. Compreender as relações espaciais a partir de outras linguagens geográficas: a música, a literatura, a charge.	R	T	C

GLOSSÁRIO

Desterritorializado – A desterritorialização é um movimento de abandono ou perda de um território na sociedade. Indissociável desse conceito é o de reterritorialização. Exemplo: um boia-fria vive na periferia urbana um permanente processo de desterritorialização quando se desemprega na entressafra e se reterritorializa no trabalho de plantio e colheita da lavoura.

Espacialidade – A espacialidade acha-se relacionada às formas e aos arranjos espaciais constituídos pela complexa teia de relações presentes no espaço geográfico, orientando a distribuição e a localização dos fenômenos urbanos e rurais, bem como os processos sócio-espaciais que os conformam. Desse modo, há uma íntima relação entre o papel do espaço nas práticas sociais e o papel das práticas sociais na configuração do espaço geográfico.

Fragmentação – A complexidade do espaço geográfico na atualidade pode ser explicada pelo binômio globalização/fragmentação, pois ambas fazem parte de um mesmo processo. A articulação entre elas está representada por fluxos ou redes de comunicação, de capitais, que podem levar à degradação das condições de vida no planeta. A fragmentação pode ser integradora se conjugada com a globalização, reforçando-a. Ou pode ser excludente quando, mesmo sendo relacionada à globalização, parece contradizê-la.

Para saber mais, consulte:

HAESBAERT, Rogério (Org.). *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

Fórum Econômico Mundial – O Fórum Econômico Mundial, criado em 1987, substituiu o Fórum Europeu de Gerenciamento. É uma organização internacional independente, sem fins lucrativos. O Fórum Econômico Mundial opera como um espaço de discussão, que reúne líderes mundiais, intelectuais, representantes de ONGs (organizações não governamentais) e personalidades do mundo empresarial. O grupo se reúne anualmente para debater questões referentes a áreas tão diversas como governança corporativa e aquecimento global.

Para saber mais, consulte o *site*:

<http://www.weforum.org/en/index.htm>

Fórum Social Mundial - O Fórum Social Mundial é um espaço de debate democrático de ideias, aprofundamento da reflexão, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de movimentos sociais, de redes, de ONGs e de outras organizações da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo. Após o primeiro encontro mundial, realizado em 2001, o Fórum Social Mundial

configurou-se como um processo mundial permanente de busca e de construção de alternativas às políticas neoliberais. Essa definição está na *Carta de Princípios*, principal documento do Fórum Social Mundial. O Fórum caracteriza-se também pela pluralidade e pela diversidade, tendo um caráter não confessional, não governamental e não partidário. Ele se propõe a facilitar a articulação, de forma descentralizada e em rede, de entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial. O Fórum Social Mundial não é uma entidade nem uma organização.

Para saber mais, consulte o *site*:

www.forumsocialmundial.org.br/

Globalização - Historiadores afirmam que este processo econômico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas do mundo todo teve início nos séculos XV e XVI, com as Grandes Navegações e as Descobertas Marítimas. Porém, de forma efetiva, ela se estabeleceu no final do século XX, instaurando um novo patamar para a dinâmica capitalista. A globalização tem como suporte o neoliberalismo, que impulsionou o processo de globalização econômica, e a revolução nas tecnologias da informação, que possibilitou a integração mundial de mercados numa enorme intensidade dos fluxos comerciais e financeiros. Com o fim do socialismo real e o avanço do neoliberalismo, inicia-se um novo tempo, marcado pelo predomínio dos interesses financeiros, pela desregulamentação dos mercados, pelas privatizações das empresas estatais, pelo abandono do estado de bem-estar social. Seus críticos consideram a globalização como responsável pelo acirramento da exclusão social.

Para saber mais, consulte o *site*:

<http://www.suapesquisa.com/globalizacao/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>

Padrão de produção – Refere-se aos modelos de desenvolvimento em que se baseiam a produção dos setores: agrícola, pastoril, extrativista, industrial, construção civil, serviços, comércio, transportes, comunicações da economia. O padrão de produção capitalista tem se caracterizado, nos últimos duzentos anos, por modelos de desenvolvimento e crescimento insustentáveis, uma vez que são pautados:

- na exploração exagerada de recursos naturais;
- na exclusão social;
- no desperdício;
- no enriquecimento, a qualquer preço, de uma minoria.

Os resultados desse modelo são desastrosos, por exemplo:

- pobreza da maioria da população do planeta Terra;
- poluição generalizada, com a acentuação do efeito estufa, redução da camada de ozônio e suas implicações sobre o equilíbrio climático;
- perda e desertificação do solo;
- raridade da água limpa;
- desflorestamento;
- exagerada produção de lixo.

Até os anos 1970, os efeitos desastrosos desse padrão de produção sobre o meio ambiente eram entendidos como “resíduos inevitáveis do progresso”. Hoje, não se pensa mais assim, em razão das pressões dos ambientalistas de todo o mundo e da Ordem Ambiental Internacional em curso, sob a direção da ONU, que tenta estabelecer limites a esse tipo de *desenvolvimento insustentável*.

O *padrão de produção* no sistema capitalista sustenta-se por meio de um *padrão de consumo* que a “máquina produtiva” estabelece na sociedade. É um círculo vicioso: são produzidas mercadorias, tanto para atender às necessidades de consumo quanto para criar *novas necessidades* a fim de vendê-las.

Padrão de consumo - O atual padrão de produção e de consumo é injusto e insustentável. Para satisfazer as necessidades de água, materiais e energia dos mais de 6 bilhões de seres humanos que hoje vivem na Terra, consumimos 40% a mais do que o planeta pode oferecer. Seriam necessárias mais quatro Terras para permitir que todos os indivíduos do mundo consumissem tanto quanto norte-americanos e europeus. Esses fatos colocam a humanidade frente a um grande desafio histórico: criar uma sociedade economicamente próspera, ecologicamente sustentável e socialmente justa sobre um planeta limitado. (Instituto Akatu)

Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas – O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, ou IPCC, é o órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2.500 cientistas de todo o mundo. Em 2007, um novo documento foi divulgado. O relatório é considerado um marco ao afirmar, com 90% de certeza, que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Por isso, o WWF-Brasil acompanha atentamente as consequências do aquecimento do planeta, que podem se traduzir em eventos climáticos extremos, como secas na Amazônia ou furacões em áreas tidas como fora de risco, como o Catarina que passou pelo sul do Brasil.

Para saber mais consulte o *site*:

http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/meio_ambiente_brasil/clima/painel_intergovernamental_de_mudancas_climaticas/index.cfm [Acesso 26/11/2008.]

Protocolo de Kyoto – É um dos marcos mais importantes no combate à mudança climática desde a criação da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – CQNUMC. O protocolo entrou em vigor em 16 de fevereiro de 2005 e isso significa que todas as Partes envolvidas passam a ter um compromisso legal. A não complacência de alguma Parte estará sujeita a penalidades dentro do Protocolo.

Conheça-o na íntegra consultando o *site*:

<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./carbono/index.php3&conteudo=./carbono/kyoto.html>

Regionalismo – É um movimento político reivindicatório de cunho territorial visando ao fortalecimento de uma sociedade regional.

Para saber mais, consulte o *site*:

www.coseac.uff.br/transferecia/2006/provas/Transferencia_UFF_2006_geografia.PDF

Revolução Técnico-científica – Ela tem como base os avanços tecnológicos nas áreas de eletrônica, robótica, informática e telecomunicações. A expressão *revolução técnico-científica* é muitas vezes empregada para evidenciar que os produtos requerem crescentes investimentos em pesquisa científica e tecnológica ao serem concebidos. São cada vez mais sofisticadas as técnicas exigidas para a fabricação de *chips*, robôs, satélites, programas de computadores, telefones celulares e mesmo produtos tradicionais, como automóveis, alimentos, calçados ou aparelhos de barbear, por exemplo. A 'matéria-prima' necessária para fabricá-los é o conhecimento." (MOREIRA, J.C. SENE E. *Geografia para o ensino médio: geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002, p. 280).

Sociedade de consumo – A sociedade de consumo produz mercadorias e, aparentemente, é em torno delas, a partir delas e para elas que os homens se relacionam [...] num modo de vida urbano fundado na impessoalidade das relações humanas, no individualismo e na competitividade (exercendo) profundas influências que penetram subjetivamente na consciência dos homens de toda a sociedade moldando modos de ser e de estar no mundo. (Pietrocolla, 1996.)

Para saber mais:

PIETROCOLLA, Luci Gati. *Sociedade de consumo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

Sustentabilidade – Estado de equilíbrio social, econômico e ambiental em um sistema produtivo,

que se perpetua no tempo, garantindo a existência deste para as gerações presentes e futuras. É o que preconiza o *Relatório de Brundtland* (1987): sustentabilidade é "suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas".

Para saber mais, consulte o *site*:

<http://www.atitudessustentaveis.com.br/sustentabilidade/sustentabilidade/>

http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/artigos/complexidade_sustentabilidade.html

Territorialidade – Esse conceito incorpora duas dimensões: uma é estritamente política, um dos componentes do poder. A outra dimensão refere-se às relações econômicas e culturais, e se revela no modo como as pessoas usam a terra, o espaço vivido e dão significado ao lugar. A territorialidade, portanto, pode ser entendida como correlação de forças, ação, uma estratégia de controle do espaço-tempo e se manifesta como formas diversas de apropriação de territórios.

Para saber mais, consulte os *sites*:

http://www.geomundo.com.br/geografia_delimitar_territorio.htm

EQUIPE DE TRABALHO 2007/2008

1. EQUIPES PEDAGÓGICAS DA SMED E GERÊNCIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO DA GERÊNCIA DA COORDENAÇÃO DA POLÍTICA PEDAGÓGICA E DE FORMAÇÃO

Marília Souza, Áurea Regina Damasceno, Ricardo Diniz

EQUIPES PEDAGÓGICAS GCPPF

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Adriana Cunha de Oliveira, Adriana da Silva Alves Pereira, Adriana Mota Ivo Martins, Andréia Godinho Moreira, Alayde Maria Caiafa de Arantes, Alcione da Anunciação Caetano, Ana Nazaré Madureira Cabral, Ana Paula Lopes Rocha, Arlete Alves Correa, Beatriz Temponi C. Castro, Cibele Soares, Délia Roizembruch, Desiré Kfoury Pereira Coutinho, Eleuza Fiuza Silva, Érica Silva Fróis, Fernanda Cecília Farias, Ilca Guimarães e Silva, Juliana Rezende Moscatelli, Luciana Silva Valentim, Maria Cristina Scotti Hirson, Maria Elisa de Araújo Grossi, Maria Eugênia Alves dos Santos Maia, Mariana Cruz de Andrade, Mônica Lenira Chaves de Almeida, Nídia Cristina Sabino, Renata Júlia da Costa, Rosângela Chaves Picardi, Rosemary Miranda Rodrigues Gonçalves, Sara Mourão Monteiro, Sandra Aparecida Colares, Tania Edvânia Pinto da Silva, Terezinha Felicidade da Silva, Valéria Inácio Chagas, Vanessa de Salvo Castro Alves, Vânia Aparecida de Azevedo

CIDADE E MEIO AMBIENTE/BH PARA AS CRIANÇAS

Amarildo Antônio Ferreira, Ana Lúcia Barros Penharvel, Débora Aniceta de Melo Ramon de Oliveira, Silvana Gomes Resende, Vânia Silva Freitas

CULTURAS E SABERES E JUVENIS

Admir Soares de Almeida Junior, César Eduardo de Moura, Cláudia Caldeira Soares, Maria Célia da Cunha Pinto Prado, Josiley Francisco de Souza, Mariano Alves Diniz Filho, Paulo de Tarso da Silva Reis, Ronei Marcelo Soares, Stelita Alves Gonzaga, Verimar Aparecida Mendes de Souza Assis

EDUCAÇÃO INFANTIL

Adarlete Carla do Rosário, Hélia de Miranda Glória Faria, Iara Rosa de Oliveira, Janete Soares Campos Dias, Joana Dark Teixeira de Saldanha, Joaquim Ramos, Mayrce Terezinha da Silva Freitas, Vânia Gomes Michel Machado, Vera Lúcia Otto Diniz, Clotildes Gonçalves Vieira, Isa Terezinha F. Rodrigues da Silva

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Andréa Silva Gino, Auro da Silva, Carmem Terezinha Vieira Ângelo Nunes, Cristine Dantas Jorge Madeira, Edmary Aparecida V. E. S. Tavares, Roberto Antônio Marques

EJA EDUCAÇÃO NOTURNA

Andre Ottoni Bylaardt, Cláudia Regina dos Anjos, Creusa de Carvalho Ribeiro Neves, Enere Braga Mota, João Antônio de Oliveira, Valéria Cardoso Guedes

INCLUSÃO ESCOLAR DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elaine Salles da Costa, Maria Cândida Viana Pereira, Maria da Conceição Dias Magalhães, Maria Isabel Campos Freitas, Odilon Marciano da Mata, Patrícia Cunha, Rosângela Elmira Veloso, Sílvia Maria Fraga, Vanessa Mara Gurgel

MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Antônio Rodrigues de Souza, Mara Catarina Evaristo

NARPE

Ana Maria Reis Macedo, Consuelo Silva Costa, Débora Aniceta de M. R. Oliveira, Doraci Débora Muniz, Eunice Margareth Coelho, Ismayr Sérgio Cláudio, Karine Gusmão do Couto, Maria da Glória Martins de Melo, Mônica de Melo Mota Miranda, Paulo Roberto da Costa

NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Maria de Lourdes Almeida Moreira

RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E DE GÊNERO

Cláudio Eduardo Rezende Alves, Maria da Consolação Martins, Maria das Mercês Vieira da Cunha, Maria de Fátima Gomes, Maria do Carmo B. Galdino, Patrícia Santana, Paulo Roberto Costa, Rita de Cássia Nascimento Barbosa

SECRETARIA

Érika Rodrigues Gonçalves Dias, Mário Lúcio Lopes, Mônica Alves Ribeiro, Telma de Melo Serpa Hajjar

EQUIPES REGIONAIS (GERÊNCIAS, ACOMPANHANTES DE 1º, 2º E 3º CICLOS)

Barreiro

Adelina Cezarina V. B. Santiago, Alexandra Guedes de O. R. Michel, Ana de Barros Silveira Pequena, Cláudia Márcia dos Santos, Cláudia Maria Diniz, Clélia Márcia C. De Andrade, Eloiza Helena Souza de Oliveira, Emiliana Alves Pereira, Jaqueline da Silva Ambrózio, Josilaine de Paula Cruz das Silva, Leda Helena Lopes, Liliane Assis Ferreira Oliveira, Maristela Bruno da Costa, Mary Margareth Marinho Resende
Valmira Maria Teixeira Losqui, Vilma Lúcia de Oliveira Carvalho

Centro-Sul

Adriana Fonseca de Castro, Darci Teixeira Viveiros Cruz, Denise de Araújo Figueiredo de Faria, Joyce Ribeiro Palhares Franca, Olga de Souza Silveira, Romênia Ayla Moraes, Zamara Campos

Leste

Denise Boffa Pascoal Santos, Dulcinalva Campos, Fabíola Fátima de Castro Guerra, Heliana do Socorro Pereira, João Bosco Guimarães, José Eduardo Silva Vidigal, Juliana Vieira da Silva, Marcia Maria de Souza Alves, Patrícia Rocha Noronha Mota, Thaís Maria de Souza Couto Veloso, Vânia Elizabeth Ferreira, Wilson Henrique Giovanini

Nordeste

Alexandre Sorrentino, Ana de Barros Silveira Pequeno, Ana Paula Zacarias Lima, Arlete Áurea Mol Kallab, Cecília Rodrigues Machado Silveira, Clarice Gonzaga da Silveira, Cláudia Maria José Peixoto Machado, Eliane Malagolli dos Santos, Elis Ane Diniz Dias Costa, Elissadra de Cássia dos Santos, Giovanna Ferreira Xavier, Jerry Adriani da Silva, Josilene Maria Miranda Gregório, Rosa Antunes Corrêa, Sandra Aparecida Colares, Sônia Onofre, Vânia Maria de Campos Soares, Viviane Cássia Otoni Fróes

Noroeste

Aimara Hortencia S. de Golveia, Egelza Maria Egg Nunes, Jussara de Fátima Liberal de Oliveira, Maria Beatriz P. de Almeida, Maria de Lourdes Moreira Pinto, Maria Luiza Barbosa, Mariangela Tamietti Galhiano Palheiro, Marília Nicolau do Carmo, Marta do Nascimento Mota, Mércia de Oliveira P. Castro, Nilza da Silva Rios, Regina F.V. Ferraz, Ronaldo Alvarenga Carvalho, Sonia Maria Lopes Andrade

Norte

Benilda Regina Paiva de Brito, Clarice Gonzaga da Silveira, Cláudio Alexander D. Rodrigues, Cristina Renata G. Ranieri Mendes, Geni Martins de Souza Leão, Honorina Alkimim R. Galvão, Leonardo Viana da Silva, Maria Edite Martins Rodrigues, Marina Assis Fonseca, Regina Márcia do Nascimento Costa, Rita de Cássia Rodrigues Santos, Simone Andere, Wilma Inês Ferreira Fernandes

Oeste

Aciléia do Carmo Sayde, Alberto Henrique F. Cunha, Délia Roizenbruch, Dulce Maria de Oliveira Scliar, Lúcia Maria Nazareth de Sousa, Magda Maria Albino, Marília de Dirceu Salles Dias, Maria das Dôres de Souza Lopes, Maria de Fátima M. Moares, Rosana de Fátima Brito Faria

Pampulha

Andréa Cristina Ferreira de Almeida, Carlos Wagner Coutinho Campos, Denise de Carvalho M. Santos, João Manoel Ferreira Gomes, Elci Madalena Soares, Maria Ângela Antônio, Marilene Penido de Pinho Ferraz

Venda Nova

Aline Rogéria de Oliveira R. Costa, Andrea Alves Soares, Carla Cristine Nascimento Toledo, Denise Fátima de Souza, Júnia Costa Amaral, Laura Barbosa de Castro, Laura Ruth Barbosa Castro, Maria da Soledade Vieira Rios, Patrícia Dutra Magalhães, Rosalina Conceição Gomes, Rosimeire Amaral Cavalcante, Valdete dos Reis Barbosa, Yara Lourenço

2. DIRETORES, COORDENADORES, PROFESSORES E PEDAGOGOS

Diversos diretores, coordenadores, professores e pedagogos da Rede Municipal de Educação participaram da elaboração destas Proposições Curriculares através da Rede de Formação 2007/2008 em encontros regionalizados e/ou por área de conhecimento. Sem a importante contribuição desses autores, a publicação destas Proposições Curriculares não se tornaria possível.

3. ASSESSORES E CONSULTORES

ASSESSORES

Assessora Geral:

Samira Zaidan (FAE/UFMG)

Professora da UFMG, na Faculdade de Educação. Realiza estudos área de Educação, tomando como referência a educação matemática, formação docente, saberes docentes, educação básica e reforma educacional. Membro do PRODOC - Grupo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente.

Assessores de Geografia

Adriana Angélica Ferreira

Mestre em Geografia pela UFMG, com atuação em Geografia Humana (ênfase em Geografia Urbana). Professora da UFMG.

Eliano de Souza Martins Freitas

Mestre em Geografia pela UFMG, com atuação em Geografia Humana (ênfase em Geografia Urbana). Professor da UFMG.

Nair Aparecida Ribeiro de Castro

Doutora em Geografia pela USP; Mestre em Geografia pela UFMG; Especialista em Turismo pela PUC-Minas. Professora de Geografia da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte; Professora de Metodologia do Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da UFMG; Professora de Geologia no PREMEN/CECIMIG-UFMG e nas Faculdades Metodistas Intergradadas "Izabela Hendrix", em Belo Horizonte. Coautora de Currículos e Programas da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais; Coautora e coordenadora da equipe de Geografia do PROCAP/BIRD/SEE-MG; Coautora da coleção Geografia para o primeiro segmento do Ensino Fundamental da Editora Educacional (Pitágoras).

Rita Elizabeth Durso Pereira da Silva

Mestre em Educação pela FAE/UFMG; com Graduação (bacharelado e licenciatura) em Geografia pelo IGC/UFMG. Professora de Geografia no Centro Pedagógico da UFMG. Possui experiência profissional como professora de Geografia no Ensino Fundamental e Médio, atua na formação de professores e é assessora de reformas curriculares em Minas Gerais.

CONSULTORES

Fizeram leitura crítica dos textos preliminares destas "Proposições Curriculares", por solicitação, e apresentaram suas opiniões, críticas e sugestões, os seguintes consultores:

Antonio Flávio Barbosa Moreira

Atualmente é professor visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro de diretoria de associação científica da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

Educação, professor visitante da Universidade Católica Portuguesa e professor titular da Universidade Católica de Petrópolis. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo, educação, cultura, ensino e escola.

Lucíola Licínio Santos

Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Sistemas Educacionais, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo e formação docente.

Maria das Mercês Ferreira Sampaio

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1963), mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículos Específicos para Níveis e Tipos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo, educação escolar, ensino fundamental, política educacional e formação docente.

Marlucy Alves Paraiso

Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais e Membro de corpo editorial do Educação em Revista (UFMG). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo.

4. REVISÃO E FORMATAÇÃO

César Eduardo de Moura

Josiley Francisco de Souza

Vânia Silva Freitas